J.I. PACKER

A Evangelização e a Soberania de Deus

Se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar?



A Evangelização e a Soberania de Deus © 2002 Editora Cultura Cristã. Publicado em 1961 em inglês com o título *Evangelism and Sovereignty of God* de J.I.Packer. © 1961, InterVarsity Fellowship, Inglaterra. Traduzido e publicado com permissão da Inter-Varsity Press, Leiscester, Inglaterra.

1ª edição, 2002 - 3.000

Tradução
Gabriele Greggersen

Revisão
Paulo Correa Arantes
Edson Reinaldo Facco

Editoração
Rissato

Capa
Lela Design

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (Presidente), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal **15.136** – São Paulo – SP – **01599-970**
Fone (0**11) **3207-7099** – Fax (0**11) **3209-1255**
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
0800-141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Prefácio 5

Introdução 7

I. A Soberania Divina 9

II. Soberania Divina e Responsabilidade Humana 15

III. A Evangelização *33*

IV. Soberania Divina e Evangelização 83

Prefácio

O texto a seguir inspirou-se em uma palestra, ministrada por ocasião da conferência Pré-missionária da *inter-faculty Christinn Union,* de Londres em 24 de Outubro de 1959. E ela está sendo reproduzida na esperança de ser útil para um maior número de pessoas. A origem e a natureza prática do tema explicam seu estilo homilético.

Para evitar maus entendidos quanto ao seu propósito gostaria, antes de mais nada, de dizer a que ele não veio.

Não se trata de um plano de ação evangelística para nossos dias, ainda que ele destaque princípios relevantes para se traçar algum tipo de estratégia evangelística.

Também não se trata de alguma contribuição para a polêmica atual, em torno dos métodos evangelísticos modernos, embora sejam estabelecidos princípios relevantes para orientar este tipo de polêmica.

Nem tão pouco se trata de uma crítica aos princípios evangelísticos de qualquer pessoa ou pessoas em particular, embora forneça princípios relevantes para avaliação de todas as atividades evangelísticas.

Mas do que se trata, afinal? Trata-se de um pequeno ensaio bíblico e teológico, que pretende esclarecer a relação entre três realidades: a soberania de Deus, a responsabilidade do homem e o dever evangelístico do cristão. E é a última destas que representa o tema propriamente dito; a soberania divina e a responsabilidade humana serão discutidas somente na medi-

da em que estão associadas à evangelização. O objetivo do discurso é refutar a suspeita (que, ao que parece, é extremamente atual em certos meios) de que a confiança na soberania absoluta de Deus impeça o completo reconhecimento e aceitação da responsabilidade evangelística, e mostrar que, pelo contrário, somente esta convicção pode dar aos cristãos a força que precisam, para cumprir sua tarefa evangelística.

Ninguém deve achar, ainda, que todos os pontos por mim tratados aqui, tenham qualquer intenção de negar um tipo de "ortodoxia da Inter-varsity Fellowship".[1] Os limites da "ortodoxia Inter-varsity Fellowship" já se encontram muito bem explicitados nas bases doutrinárias da Associação. Fora destes limites, os membros da Associação devem ter toda a liberdade para, parafraseando John Wesley, "pensar e deixar pensar", pois não há qualquer opinião acerca de qualquer assunto que possa ser considerado como se fosse a única coisa permissível. Quanto ao assunto a ser tratado daqui em diante, é possível que alguns dos membros da Associação pensem de forma diferente da do autor. Semelhantemente, porém, todo escritor tem o direito de ter opiniões próprias e não se pode esperar que ele as esconda, quando as considerar bíblicas, relevantes e (estritamente) edificantes.

J. I. PACKER

[1] Equivalente no Brasil a Aliança Bíblica Universitária (APU).

Introdução

Desde sempre e em todos os lugares, os servos de Cristo são submetidos à ordem de evangelizar, e eu espero que o que tenho a dizer agora, seja de incentivo para o cumprimento dessa tarefa. Mas também espero alcançar um outro propósito. Podemos observar nos meios cristãos da atualidade uma íntima investigação e disputa acerca dos métodos e meios de evangelização. Gostaria de falar sobre os fatores espirituais envolvidos na evangelização, e espero que o que eu tenho a dizer possa contribuir para resolver algumas dessas discordâncias e debates atuais.

O tema de que estamos tratando aqui é, mais precisamente, a evangelização, e eu pretendo me referir ao mesmo em sua relação com a soberania de Deus. Isso significa que eu não falarei sobre a soberania de Deus mais do que o necessário para fomentar o modo certo de pensar sobre evangelização. A soberania divina é um tema vasto: abrange tudo o que se possa associar à imagem bíblica de Deus, enquanto Senhor e Rei no seu mundo, o Único que "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11), dirigindo todo e qualquer procedimento e orientando todo e qualquer evento em direção ao cumprimento do seu próprio plano eterno. Tratar de um assunto como este de forma completa, exigiria de nós perscrutar as profundezas, não somente da providência, mas também da predestinação e das últimas coisas, e isso é muito mais do que podemos ou necessitamos fazer aqui. O único aspecto da soberania divina que nos preocupa nestas páginas é a sobera-

nia da sua graça: sua ação onipotente em conduzir os desesperados pecadores de volta para casa, através de Cristo, para a sua presença.

Ao examinar o relacionamento entre a soberania de Deus e o dever de evangelização dos cristãos, tenho em vista um objetivo específico. Existe, nos dias de hoje, uma suspeita generalizada de que uma convicção demasiada na soberania absoluta de Deus implica em minar todo tipo de noção apropriada sobre a responsabilidade humana. Supõe-se que uma convicção como esta seja perigosa para a saúde espiritual, porque ela fomenta o hábito da inércia complacente. Ela é particularmente acusada de estar engessando a evangelização, privando as pessoas tanto da motivação para evangelizar quanto do conteúdo da ação evangelística. A suspeita parece ser a de que você não pode evangelizar eficazmente, a menos que você esteja disposto a fazer de conta, enquanto estiver evangelizando, que a doutrina da soberania de Deus não é verdadeira. O que eu vou procurar evidenciar é que isso é um completo absurdo. Proponho-me a tentar mostrar ainda que, longe de inibir a evangelização, a confiança na soberania do governo e graça de Deus é a única coisa que pode sustentá-lo, pois é a única coisa que pode nos proporcionar a flexibilidade de que tanto necessitamos, se quisermos evangelizar de forma contundente e persistente, e não ficar desencorajados por retrocessos temporários. Portanto, longe de ser enfraquecida por estas crenças, a evangelização será inevitavelmente enfraquecida e perderá seu poder permanente sem ela. Meu desejo é que isso fique cada vez mais claro ao longo da leitura.

Capitulo 1
A SOBERANIA DIVINA

Não pretendo aqui ficar perdendo tempo, tentando provar-lhes a verdade genérica de que *Deus é o soberano do mundo criado por ele*. Isso é desnecessário, pois eu sei que, se você é cristão, já crê nisso. E como é que eu sei disso? É que eu sei que, se você é cristão, então certamente você ora; e o que sustenta as suas orações é o reconhecimento da soberania de Deus. Pela oração, você intercede por certas coisas e agradece por outras. E por que você age assim? Porque reconhece que Deus é o autor e fonte de todo o bem que já tem experimentado na vida, e de todo o bem que espera para o futuro. Esta é a filosofia essencial da oração cristã. A oração do cristão não é nenhuma tentativa de forçar a mão de Deus, mas um humilde reconhecimento da nossa impotência e dependência. Quando nos colocamos de joelhos, é porque sabemos muito bem que não somos nós que controlamos o mundo; não temos, portanto, o poder de satisfazer as nossas necessidades pela nossa própria força; tudo de bom que desejamos para nós mesmos e para os outros deve ser solicitado das mãos de Deus, quando o obtemos, se é que o obtemos, será como um presente das suas mãos. Se isso é verdade até mesmo no que se refere ao nosso pão diário (e a oração do Senhor nos ensina que é), muito mais, no que diz respeito aos bens espirituais. Isso tudo é claro e radiante para nós quando oramos de verdade, não importa o quanto possamos contradizer-nos por argumentos posteriores. Conseqüentemente, portanto, o que fazemos toda vez que oramos, é

confessar a soberania de Deus e a nossa própria impotência. O próprio fato do cristão orar é, assim, prova de que ele crê, sim, na soberania do seu Deus.

Também não estarei perdendo tempo, repito, provando-lhes a verdade particular de que Deus é *soberano na salvação*. Pois nisto você também já crê. Há dois fatos que apontam para isso. Em primeiro lugar, você dá graças a Deus por sua conversão. Agora, por que será que você procede assim? É que você sabe muito bem, no fundo de seu coração, que Deus foi inteiramente responsável por ela. Não foi você que se salvou; ele salvou você. As suas ações de graça são, por si só, uma forma de reconhecimento de que a sua conversão não foi sua própria obra, mas obra dele. Você não atribuiu a um mero acaso ou acidente, o fato de ter se deixado influenciar pelo Cristianismo, quando isso aconteceu. Você não atribui a um mero acaso ou acidente o fato que frequentou uma igreja evangélica, ouviu o evangelho cristão, que tinha amigos cristãos e, talvez, até uma família cristã, que a Bíblia chegou às suas mãos, que reconheceu sua própria necessidade de Cristo, e que acabou crendo nele como o seu Salvador. Você não atribui o fato de ter se arrependido e crido à sua própria sabedoria ou prudência, ou a algum juizo salutar ou bom senso. É possível até que, na época em que você estava buscando a Cristo, você tenha labutado e se empenhado ao máximo, tenha lido e ponderado bastante, mas todo este conjunto de esforços não torna a sua conversão resultado da sua obra. O seu ato de fé, quando se comprometeu com Cristo, foi obra sua no sentido de que foi você quem o realizou; mas isso não quer dizer que você tenha salvado a si mesmo. Na verdade, nunca lhe passou pela cabeça a idéia de que você tenha salvo a si mesmo.

Ao olhar para trás, você assume como sua a vergonha de sua cegueira, indiferença, obstinação e atitudes evasivas passadas diante da mensagem do evangelho; mas você não dá nenhum tapinha nas suas costas por ter sido conquistado por este

Cristo tão insistente. Você jamais sonharia em repartir entre você e Deus as glórias da sua salvação. Você jamais, por um momento sequer, supôs que a contribuição decisiva para a sua salvação foi sua própria e não de Deus. Você nunca disse a Deus que, apesar de estar muito grato pelos meios e oportunidades da graça que ele lhe deu, você se dá conta de que na verdade não tem que agradecer a ele, mas a si mesmo, pelo fato de ter respondido ao seu chamado. O seu coração se revolta só em pensar em falar com Deus nestes termos. Na verdade, você lhe agradece sinceramente pelo dom da fé e do arrependimento, quanto pela dádiva de ter um Cristo em quem confiar e para quem se voltar. É por aí que seu coração o tem conduzido, desde que você se tornou um cristão. Você atribui a Deus toda a glória por todas as coisas envolvidas em sua salvação, e você tem consciência da blasfêmia que seria, se você se recusasse a agradecer-lhe por tê-lo conduzido à fé. Assim, você reconhece a soberania da graça divina pela forma como você pensa e dá graças por sua conversão. E qualquer cristão no mundo age da mesma maneira.

Neste contexto, seria bastante esclarecedor refletirmos sobre o testemunho de Charles Simeon acerca da sua conversão, através de João Wesley, em 20 de Dezembro 1784 (a data encontra-se especificada no Wesley's Journal): "Meu caro, eu entendo que você é o que chamam de arminiano; e certas pessoas me chamam de calvinista; e por isso mesmo, suponho que as pessoas esperam ver-nos prontos para brigar um contra o outro. Mas, antes de eu consentir em que se dê início ao combate, com sua licença, gostaria de lhe fazer algumas perguntas ... Diga-me, por favor: você sente que é uma criatura tão depravada, mas tão depravada que nunca teria pensado em voltar para Deus, se Deus já não tivesse posto isto em seu coração antes?" "É verdade, 'diz o veterano', é isso mesmo." "E você também se sentiria totalmente perdido, se tivesse que recomendar-se a Deus, baseado em alguma coisa que você pudesse fazer; e considera a salvação como algo que se deu exclusiva-

mente pelo sangue e justiça de Cristo?" "Sim, exclusivamente por Cristo." "Mas então, meu caro, partindo do pressuposto de que você foi inicialmente salvo por Cristo, será que ainda assim você não teria que subseqüentemente, de uma forma ou de outra, salvar-se a si mesmo por suas próprias obras?" "É claro que não, pois eu devo ser salvo por Cristo do princípio ao fim". "Admitindo, então, que foi inicialmente convertido pela graça de Deus, você, de um modo ou de outro, deve manter-se salvo por seu próprio poder?" "Não." "Quer dizer, então, que você deve ser sustentado a cada hora e momento por Deus, tal como uma criança nos braços de sua mãe?" "Sim, absolutamente." "E quer dizer que toda a sua esperança está depositada na graça e misericórdia de Deus para sustentá-lo, até que venha o seu reino celestial?" "Certamente, eu estaria completamente desesperado, se não fosse ele." "Então, meu caro, com sua permissão vou levantar novamente a minha espada; pois isto não é nada mais nada menos do que o meu Calvinismo; eis aí as minhas teses da eleição, da justificação pela fé, da perseverança final: eis aí, em essência, tudo o que eu defendo, e como o defendo; portanto, se lhe parecer bem, ao invés de ficar tentando descobrir termos ou expressões que sejam bom motivo de briga entre nós, unamo-nos cordialmente naquelas coisas em que concordamos."[2]

Mas há uma outra maneira, pela qual reconhecemos a soberania de Deus na salvação. Você ora pela conversão dos outros. Agora, em que termos é que você intercede por eles? Você se limita a pedir que Deus os conduza só até o ponto em que eles sejam capazes de se salvarem a si mesmos, independente dele? Não acho que você pense assim. Acho que o que você deve fazer é orar em termos categóricos para que Deus, simplesmente e muito decisivamente, os salve: que ele abra os olhos de seu entendimento, amoleça seus corações duros, renove suas naturezas e mova suas vontades para que recebam o

[2] *Horae Honileticae,* Prefácio: *l.* vii s.

Salvador. Você roga a Deus que opere neles tudo quanto for necessário para a salvação deles. Jamais lhe passaria pela cabeça considerar, na sua oração, que, na verdade, você não está pedindo que Deus os conduza à fé, porque reconhece que Ele não é capaz de fazê-lo. Nada disso! Quando você ora pelas pessoas não convertidas, você o faz pressupondo que é no poder de Deus que eles são conduzidos à fé. Você roga para que Ele faça precisamente isso e sua confiança em pedir repousa sobre a certeza de que ele é capaz de fazer o que você pede. E, de fato, ele é: esta convicção que motiva suas intercessões é a verdade do próprio Deus, escrita em seu coração pelo Espírito Santo. Na oração, portanto (e quando o cristão ora está em seu estado mais são e sábio), você *sabe* que é Deus quem salva os homens; você *sabe* que o que faz os homens se voltarem a Deus é a própria obra graciosa dele de atraí-10s para junto de si; e o conteúdo de suas orações é determinado por este conhecimento. Assim, você reconhece e confessa a soberania da graça de Deus através de sua prática de intercessão, da mesma forma que pela ação de graças por sua própria conversão. Assim procedem todos os cristãos, em toda parte.

Há uma controvérsia milenar no meio da Igreja sobre se Deus é realmente o Senhor em relação à conduta humana e à fé salvadora ou não. O que foi dito mostra-nos que tipo de postura que devemos assumir diante desta controvérsia. As coisas não são do jeito que parecem. Pois não é verdade que alguns cristãos crêem na soberania divina, enquanto outros sustentam uma tese contrária. A verdade é que todos cristãos crêem na soberania divina, acontece que alguns não estão conscientes de que crêem nisso, equivocadamente imaginam e insistem que a rejeitam. Qual a razão para este lastimável estado de coisas? A causa de tudo isso é a mesma que se encontra na maior parte dos casos de equívoco da Igreja – a influência de especulações racionalistas, o desejo apaixonado por manter uma coerência sistemática, a relutância em reconhecer a existência do misté-

rio e em deixar Deus ser mais sábio do que os homens, e a conseqüente subordinação das Escrituras às supostas exigências da lógica humana. As pessoas até reconhecem que a Bíblia ensina que o homem tem responsabilidade pelas suas ações; mas não vêem (e os homens, na verdade, não podem ver) como isso é coerente com a soberania do Senhorio de Deus sobre essas mesmas ações. Elas não se conformam em deixar as duas verdades conviverem lado a lado, como elas fazem nas Escrituras, mas partem logo para a conclusão precipitada de que, para sustentar a verdade bíblica da responsabilidade humana, são obrigados a rejeitar a doutrina igualmente bíblica e verdadeira da soberania divina, e a inventar uma explicação para o grande número de textos que a ensinam. O desejo de reduzir o conteúdo da Bíblia, eliminando todos os mistérios, é uma tendência natural das nossas mentes corruptas, e não é surpreendente que até homens considerados bons já tenham caído vítimas disso. Daí toda esta insistente e preocupante controvérsia. A ironia da situação, entretanto, é que quando perguntamos como é que os representantes de ambos os lados praticam a sua oração, torna-se claro que aqueles que professam negar a soberania de Deus, na verdade, crêem tão fortemente nela quanto os que a defendem.

E como é que você ora? Você roga a Deus por seu pão diário? Você agradece a Deus por sua conversão? Você ora pela conversão dos outros? Se a resposta é "não", só posso dizer que acho que você ainda não nasceu de novo. Mas se a resposta é "sim" – bem, então isso prova que, não importa de que lado do debate sobre esta questão você diga que se colocou no passado, o fato é que, em seu coração, você crê na soberania de Deus tão firmemente quanto qualquer outra pessoa. Enquanto estivermos sobre nossos próprios pés, podemos até levantar vários argumentos em torno da questão, mas quando de joelhos, estamos todos de acordo. É este ponto de comum acordo, do qual as nossas orações são prova, que eu tomo como nosso ponto de partida.

Capitulo II
SOBERANIA DIVINA E RESPONSABILIDADE HUMANA

O objetivo do presente estudo é refletir sobre a natureza do trabalho evangelístico do cristão, à luz da pressuposição amplamente aceita, de que Deus é soberano na salvação. Agora, temos que reconhecer logo de início que esta tarefa não é nada fácil. Os temas tratados pela teologia costumam conter armadilhas aos desavisados, pois a verdade de Deus nunca é exatamente como o homem espera que seja e nosso presente assunto é mais perigoso do que a maioria. Isto porque, ao lidar com ele, temos que estar prontos para lidar com um *antonôrnio* na revelação bíblica, e, em ocasiões como esta, nossas mentes finitas e decaídas tendem, mais do que frequentemente, se perder.

O que é um antinômio? O *Shorter Oxford Dictionary* (Pequeno Dicionário Oxford) a define-a como "uma contradição entre conclusões que parecem igualmente lógicas, razoáveis ou necessárias".' Para nossos propósitos, entretanto, esta definição não é muito precisa; a definição deveria começar falando em "uma contradição *aparente*". Pois a questão toda de um antinômio – em qualquer caso no campo da teologia – é que não se trata de uma contradição real, embora assim pareça. Trata-se, antes, de uma *aparente* incompatibilidade entre duas

O dicionário Aurélio define um antinômio como "conflito entre duas afirmações demonstradas ou refutadas aparentemente com igual rigor".

verdades evidentes. Um antinômio existe quando dois princípios, postos lado a lado, aparentemente são irreconciliáveis, ainda que ambos sejam inegáveis. Há razões irrefutáveis para se crer tanto numa quanto na outra; ambas repousam sobre claras e sólidas evidências, mas você considera totalmente misterioso como é que elas podem ser conciliadas uma com a outra. Você consegue até reconhecer que cada uma deve ser verdadeira se tomada isoladamente, mas não consegue ver como é que as duas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Deixe-me citar um exemplo. A física moderna se defronta com um antinômio desses, em seu estudo da luz. Existem evidências convincentes que provam que a luz consiste de ondas. O que não se sabe é, como pode a luz consistir de ondas, se, ao mesmo tempo, existem evidências, não menos convincentes, que provam que ela consiste de partículas. É inexplicável como é que pode a luz consistir, a um e mesmo tempo, de ondas e de partículas. Acontece que a evidência está aí, de modo que nenhuma das duas perspectivas pode ser descartada em favor da outra. Contudo, nem tão pouco é possível reduzir uma à outra ou explicar uma em função da outra; as duas posições aparentemente incompatíveis devem ser igualmente sustentadas e ambas devem ser tratadas como verdade. Sem dúvida uma exigência dessa confunde profundamente a nossa mente sistemática, mas não há nada a se fazer se quisermos ser fiéis aos fatos.

Ao que tudo indica, portanto, um antinômio não é sinônimo de paradoxo. Um paradoxo é uma figura de linguagem, um jogo de palavras. Trata-se de um tipo de enunciado que parece unir duas idéias opostas, ou negar algo, aplicando os mesmos critérios empregados para afirmá-lo. Muitas verdades a respeito da vida cristã podem ser expressas em forma de paradoxo. Uma edição do ***Livro*** de *Orações* declara, por exemplo, que o "serviço de Deus é perfeita libertação": o homem só se liberta ao tornar-se escravo. Paulo declara vários paradoxos sobre sua própria experiência cristã: "entristecidos, mas sempre alegres...

nada tendo, mas possuindo tudo...". Porque, "quando sou fraco, então, é que sou forte." (2Co 6.10; 12.10). A característica de um paradoxo, contudo, é que não são os fatos que dão essa idéia de contradição, mas as palavras. A contradição é verbal, mas nunca é real, e uma breve reflexão já nos mostra como eliminá-lo, e como podemos expressar a mesma idéia de modo não-paradoxal. Em outras palavras, um paradoxo é sempre algo *dispensável*. Veja os exemplos, anteriormente citados. O ***Livro*** *de Orações* poderia ter dito que, quem serve a Deus torna-se livre do domínio do pecado. Em 2 Coríntios 6, Paulo poderia ter dito que, em determinadas ocasiões, o sofrimento e a alegria em Deus são coisas que muitas vezes andam de mãos dadas, na sua experiência pelo menos, e que, mesmo não sendo proprietário de nenhum bem e sendo desprovido de qualquer saldo no banco, em certo sentido, tudo lhe pertence, porque ele pertence a Cristo e Cristo é o Senhor de tudo. E como se não bastasse, em 2 Coríntios 12.10, ele ousa afirmar que, é precisamente quando ele está mais consciente da sua fraqueza natural, que o Senhor mais o fortalece. Essas formas de linguagem não-paradoxais podem nos parecer pobres ou banais perto dos paradoxos que elas pretendem substituir, mas elas expressam precisamente o mesmo sentido. Pois um paradoxo não passa de uma questão de como você usa as palavras. O emprego de um paradoxo é um artifício de linguagem interessante, mas isso não implica em contradição, nem sequer aparente, nos fatos que você está descrevendo.

É preciso deixar bem claro ainda, que um paradoxo é sempre *compreensível*. Sempre que um orador ou escritor opta por uma forma paradoxal de expressar as suas idéias, seu intuito é torná-las memoráveis e promover a reflexão a respeito delas. Mas também é necessário que a pessoa do receptor esteja em condições de, mediante reflexão, obtenha alguma dica de como o paradoxo pode ser solucionado, do contrário, tudo ficará parecendo uma verdadeira contradição em termos, e, portanto,

um completo absurdo. Um paradoxo incompreensível não passa pura e simplesmente de uma mera contradição em termos. O paradoxo absoluto deveria, dessa forma, ser descartado como um absurdo absoluto.

Ao contrário disso, contudo, um antinômio não é nem dispensável, nem compreensível. Não se trata de uma figura de linguagem, e sim, de uma relação observada entre duas declarações objetivas. Não se trata de algo deliberadamente manufaturado; trata-se de algo que os próprios fatos nos impõe. É inevitável e insolúvel. Não o inventamos e nem podemos explicá-lo. Nem existe qualquer modo de nos esquivarmos dele, a não ser que falsifiquemos os próprios fatos que nos levaram a ele.

O que, então, se deve fazer com um antinômio? É preciso aceitá-lo como ele é, e aprender a conviver com ele. Recusar-se a considerar a aparente inconsistência como real; é preciso atribuir a aparência de contradição à deficiência da nossa própria capacidade de compreensão; encarar estes dois princípios não como duas alternativas rivais, mas como algo que, de alguma forma, você não consegue compreender no presente momento, mas que são mutuamente complementares. Portanto, é preciso ter o cuidado de não fazê-las disputarem entre si, nem tirar quaisquer conclusões, a partir de qualquer uma delas, que confrontem diretamente um princípio ao outro (pois esse tipo de dedução certamente não é nada razoável). Usar cada um dentro dos limites do seu próprio campo de referência (isto é, o campo delimitado pela evidência da qual o princípio foi extraído). Notar quais as conexões existentes entre estas duas verdades e as suas respectivas estruturas de referência, e aprender a pensar sobre a realidade de uma maneira que garanta sua coexistência pacífica, lembrando que a realidade provou por si mesma que, de fato, abrange ambos os princípios. Eis aí como devem ser tratados os antinômios, tanto na natureza, quanto nas Escrituras. Pelo que entendo, é assim que a física moderna

lida com o problema relativo à luz, e é também assim que os cristãos devem lidar com os antinômios do ensinamento bíblico.

O antinômio que nos interessa particularmente aqui é a aparente oposição entre a soberania divina e a responsabilidade humana, ou (colocando-o de forma mais bíblica) entre o que Deus faz como Rei e o que ele faz como Juiz. As Escrituras nos ensinam que, como Rei, ele ordena e controla todas as coisas, inclusive todas as ações humanas, segundo o seu propósito eterno.[4] As Escrituras ensinam ainda que, na condição de juiz, ele considera todo ser humano responsável pelas escolhas que faz e as formas de procedimento a que segue.[5] Assim, os ouvintes do evangelho são responsáveis por suas reações e se acaso rejeitarem as boas novas, tornar-se-ão culpados de incredulidade "O que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus."[6] Por outro lado, Paulo, a quem foi confiado o evangelho, é responsável por pregá-lo e se ele negligenciar sua comissão, será punido por infidelidade "... pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!"[7]

A soberania de Deus e a responsabilidade humana nos são ensinadas como se fossem coisas que andam lado a lado, numa e na mesma Bíblia, aparecendo muitas vezes até na mesma passagem.[8] As duas coisas nos são garantidas, portanto, pela mesma autoridade divina; ambas são, portanto, verdadeiras. Segue-se daí que elas devem ser mantidas lado a lado, ao invés de jogadas uma contra a outra. O homem é um agente moral responsável, ainda que seja, ao mesmo tempo também, controlado pela divindade, o homem é divinamente controla-

[4] Veja Gn 45.8; 50.20; Pv 16.9; 21.1; Mt 10.29; At 4.27 ss; Rm 9.20 ss; Ef 1.2; etc.
[5] Veja Mt 25; Rm 2.1-16; Ap 20.11-13, etc.
[6] Jo 3.18; veja ainda Mt 11.20-24; At 13.38-41; 2Ts 1.7-10, etc.
[7] 1Co 9.16; veja ainda Ez 3.17 ss; 33.7 ss.
[8] Tomo por ex. em Lc 22.22: "Porque o Filho do Homem, na verdade, vai (para a morte) segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!" Veja ainda At 2.23.

do, embora seja também, um agente moral responsável. A soberania de Deus é uma realidade, e a responsabilidade do homem é igualmente uma realidade. Eis aí o antinômio que nos foi revelado, em cujos termos devemos fazer nossa reflexão acerca da evangelização.

É claro que para as nossas mentes finitas, isso tudo é inexplicável. Soa-nos como uma contradição e a nossa primeira reação é de nos queixar de que isso tudo é um absurdo. Paulo registra esta queixa em Romanos 9: "Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele (Deus) ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?" (Rm 9.19). Se, como nosso Senhor, Deus ordena todas as nossas ações, como é que pode ser razoável ou justo para ele atuar igualmente como o nosso Juiz, condenando nossas falhas? Observe como Paulo responde. Ele não tenta demonstrar o quanto a atuação de Deus é apropriada; ao invés disso, ele censura o espírito por trás desta questão. "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?" O que o queixoso precisa aprender é que ele, uma criatura e um pecador, não tem direito algum de apontar para qualquer falta nos caminhos revelados de Deus. As criaturas não estão credenciadas para registrar queixas contra o seu Criador. Como Paulo prossegue dizendo, a soberania de Deus é plenamente justa, pois o seu direito de dispor de suas criaturas é absoluto.[9] Um pouco antes, nesta mesma epístola, ele demonstrou que o julgamento de Deus contra os pecadores também é totalmente justo, já que os nossos pecados merecem amplamente sua condenação.[10] Cabe a nós, diz ele, reconhecer estes fatos e adorar a justiça de Deus, tanto como Rei quanto como Juiz; não especular sobre como a sua justa soberania pode ser consistente com o seu justo julgamento, e certamente não por em dúvida a justiça de qualquer dos lados da questão, só porque achamos que o dilema de suas relações mútuas é demais para nossas cabeças! Nossas espe-

[9] Rm 9.20 ss.
[10] Rm 1.18 ss, 32; 2.1-16.

culações não são a medida do nosso Deus. O Criador nos disse que ele, ao mesmo tempo, é um Senhor soberano e um Juiz justo, e isso deveria ser suficiente para nós. Por que é que hesitamos tanto em aceitar a sua palavra? Será que não somos capazes de confiar no que ele diz?

Não temos razão nenhuma para ficar surpresos ao encontrar mistérios deste tipo na Palavra de Deus. Pois o Criador é incompreensível para as suas criaturas. Um Deus que nós pudéssemos entender de forma exaustiva e cuja revelação de si mesmo não nos confrontasse com algum tipo de mistério, seria um Deus à imagem e semelhança do homem e, por isso mesmo, seria um Deus imaginário, mas de modo algum o Deus da Bíblia. Pois o que o Deus da Bíblia diz é o seguinte: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR" (Is 55.8ss.). O antinômio com que nos deparamos aqui é apenas um dentre muitos que a Bíblia contêm. Podemos ter certeza de que todos eles acabam encontrando a sua reconciliação na mente e conselho de Deus, e podemos ter certeza de que nós mesmos os entenderemos no céu. Mas, enquanto isso, precisamos ser sábios para manter com igual ênfase as duas verdades aparentemente conflitantes neste caso, mantendo-as lado a lado na relação em que a própria Bíblia as coloca e reconhecer que estamos diante de um mistério que não devemos esperar ser capazes de solucionar nesta vida.

Falar assim é fácil, mas não é nada fácil praticá-lo. Pois nós detestamos ter antinômios como estes rondando nossas cabeças. Preferimos muito mais embrulhar tudo em pacotes intelectuais bem amarrados, tendo aparentemente dissipado todos os mistérios e expurgados todos os pensamentos que pairavam soltos no ar. Portanto, encontramo-nos constantemente tentados a nos livrar dos antinômios em nossas mentes por meios ilegítimos, suprimindo ou rejeitando uma verdade, supostamente em favor da outra, e por causa de uma teologia

mais organizada. É o que acontece neste caso. O perigo que corremos é de descartar e mutilar uma verdade, pelo modo como enfatizamos a outra, de defender de tal modo a responsabilidade do homem, que acabamos ignorando a soberania de Deus, ou então, de afirmar tanto a soberania de Deus que acabamos destruindo a responsabilidade do homem. Ambos os equívocos devem ser evitados. Vale a pena, portanto, refletirmos um pouco mais sobre o modo pelo qual perigos como estes podem surgir no contexto específico da evangelização.

Existe, antes de mais nada, o perigo da *preocupação exclusiva com a responsabilidade humana*. Como vimos anteriormente, a responsabilidade humana é um fato e um fato bastante sério. A responsabilidade do homem em relação a seu Criador, na verdade, é o fato mais essencial da sua vida, mas que por outro lado também não se pode levar a sério demais. Deus nos criou como agentes morais responsáveis e ele jamais nos tratará como se fôssemos inferiores a isso. A sua Palavra dirige-se a cada um de nós individualmente e cada um é responsável pela maneira como responde – por sua atenção ou falta de atenção, por sua fé ou incredulidade, por sua obediência ou desobediência. Ninguém poderá jamais se esquivar da responsabilidade devida à sua reação em relação à revelação de Deus. Afinal, vivemos sob a sua lei. Teremos que responder a ele por nossas vidas.

O homem sem Cristo é um pecador culpado, que deve responder diante de Deus pelo fato de ter quebrado a sua lei. Eis porque ele precisa do evangelho. Quando ele ouve falar do evangelho, passa a ser responsável pela decisão que toma quanto ao assunto. Isso o coloca diante da opção pela vida ou pela morte, a mais relevante decisão com a qual um homem jamais poderia se deparar. Quando apresentamos o evangelho a um homem não convertido, é muito provável que, sem compreender plenamente o que está fazendo, ele tentará fechar os próprios olhos para a seriedade desse assunto, e por isso justificar-

se por fazer pouco caso de tudo isso. É preciso que nessas horas usemos de todos os meios lícitos a nosso alcance para fazê-lo dar-se conta da seriedade da decisão que está enfrentando, e pressioná-lo a não se permitir tratar um assunto tão sério de forma irresponsável. Quando pregamos sobre as promessas e convites do evangelho, e oferecemos Cristo a homens e mulheres pecaminosos, é parte da nossa tarefa de enfatizar e reforçar o fato de que eles são responsáveis diante de Deus pelo modo como respondem às boas novas da sua graça. Nenhum pregador jamais poderá frisar este ponto demasiadamente.

Nós mesmos temos responsabilidade semelhante de tornar o evangelho conhecido. O mandamento de Cristo a seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos..." (Mt 28.19), foi transmitido a eles em sua capacidade representativa; esta é a grande comissão de Cristo, não apenas para os seus apóstolos mas para toda a Igreja. Evangelizar é nada mais do que uma responsabilidade inalienável de toda comunidade cristã e de cada cristão. Todos nós estamos sob a obrigação de nos dedicarmos à divulgação das boas novas, e de usarmos toda a nossa criatividade e espírito empreendedor para divulgar esta nova por todo o mundo. Todo cristão deve, portanto, estar constantemente sondando a sua consciência, perguntando a si mesmo se está fazendo tudo o que poderia ser feito neste campo. Pois esta também é uma responsabilidade que não pode ser desprezada.

É preciso, portanto, que a noção da responsabilidade humana seja levada extremamente a sério, uma vez que ela afeta tanto o pregador quanto o ouvinte do evangelho. Mas não devemos permitir que isso nos faça descartar a noção da soberania divina de nossas cabeças. Ao mesmo tempo em que é preciso lembrar sempre que proclamar a salvação é responsabilidade nossa, não podemos jamais esquecer que é Deus quem salva. É Deus quem conduz homens e mulheres sob o som do evangelho, e é Deus quem os conduz à fé em Cristo. O nosso trabalho evangelístico é o instrumento que ele usa para este

fim, mas não está no instrumento o poder que conduz à salvação. O poder está nas mãos daquele que usa o instrumento. Não devemos jamais, em nenhum momento, esquecer disso. Pois, se esquecermos que é prerrogativa de Deus prover resultados, quando o evangelho é pregado, começamos a pensar que é responsabilidade nossa garanti-los. E, se esquecermos que somente Deus pode dar a fé, acabaremos pensando que, em última instância, a conversão das pessoas não depende de Deus, mas de nós mesmos, e que o fator decisivo para tanto é a forma como nós evangelizamos. E esta linha de raciocínio, se levada consistentemente às últimas conseqüências, acabará nos levando para bem longe do caminho.

Analisemos esse ponto com mais extensão. Se considerarmos a nossa função como sendo não a de simplesmente apresentar a Cristo, mas de efetivamente produzir convertidos em série – evangelizar não apenas fielmente, mas também de ser bem sucedido – estaríamos revelando uma abordagem meramente pragmática e calculista da evangelização. Concluiríamos daí, que o nosso arsenal básico de estratégias, tanto para a evangelização pessoal bem como para a pregação em público, deve ser duplo. Não nos bastaria meramente ter compreensão clara do sentido e da aplicação do evangelho, mas também uma técnica irresistível para induzir à resposta. A ordem seria, então, de nos empenharmos na árdua tarefa de desenvolver e testar essa técnica. Teríamos que estar reavaliando toda a obra evangelística, nossa própria prática, bem como a prática dos outros, não só de acordo com o critério do conteúdo da mensagem pregada, mas também dos resultados visíveis alcançados. Se os nossos esforços não estiverem trazendo frutos, isso teria que nos fazer chegar à conclusão de que a nossa técnica ainda precisa melhorar muito. Se estivessem dando frutos, concluiríamos daí que isso faz jus à técnica que estávamos aplicando. Deveríamos considerar a evangelização como uma atividade que envolve uma luta entre a nossa vontade e a vontade daque-

les a quem estamos nos dirigindo, batalha esta, cuja vitória vai depender do poder de fogo da nossa linha de frente e da precisão dos seus efeitos calculados. Assim, a nossa filosofia de evangelização ficaria terrivelmente parecida com uma filosofia de "lavagem cerebral". E ficaríamos totalmente sem argumentos, se tal semelhança se revelasse como fato, para sustentar este, como sendo um conceito apropriado de evangelização." Pois este de fato *poderia até ser* um conceito apropriado de evangelização, se fosse nossa a responsabilidade pela produção em série de convertidos.

Isto nos alerta para o perigo de estarmos ignorando as implicações práticas da soberania de Deus. Estamos certos em reconhecer nossa responsabilidade de nos engajar em uma evangelização agressiva. Temos toda razão em desejar a conversão dos incrédulos. Também está certo querer que a nossa apresentação do evangelho seja a mais clara e convincente possível. Se preferíssemos um número ínfimo de casos isolados de conversões, e pouco nos importasse se a nossa proclamação de Cristo tem atingido os lares ou não, certamente haveria algo de errado conosco. O que não está certo é assumirmos sobre nós mais do que Deus nos concedeu fazer. Não está certo quando nos consideramos como responsáveis pela obtenção de convertidos, olhando para o nosso próprio espírito empreendedor e para nossas técnicas, para realizar o que somente Deus pode realizar. Tal procedimento significa uma intromissão no ofício do Espírito Santo e uma exaltação da nossa própria pessoa como os agentes causadores do novo nascimento. O ponto que não podemos deixar de reconhecer em tudo isso é: *a única forma que temos de nos prevenir contra a culpa de um erro destes* é *deixar o nosso conhecimento sobre a soberania de Deus controlar a forma como planejamos, oramos e trabalhamos a seu serviço.* Pois em todas aquelas áreas nas quais conscientemente

[11] Cf. argumento de D. M. Lloyd-Jones em *Conversions: Psycological and Spiritual* (I.V.F., 1959), contra a tese do Dr. William Sargant.

não confiamos em Deus, inevitavelmente confiamos em nós mesmos. O espírito de autoconfiança é uma influência maligna sobre a evangelização. Esta será, contudo, a conseqüência inevitável de esquecermos a soberania de Deus na conversão de almas.

Mas existe uma tentação oposta que também nos ameaça, a saber: A *tentação de nos preocuparmos exclusivamente com a soberania divina.*

Certos cristãos têm os pensamentos constantemente presos a reflexões acerca da soberania de Deus. Esta é uma verdade muito valiosa para eles. Ela lhes veio quase inesperadamente, quem sabe, e com a força de uma revelação marcante. Todos eles concordariam que ela representou uma verdadeira revolução copernicana em sua perspectiva das coisas, e que isso mudou totalmente o centro de seu universo pessoal. Anteriormente, admitem eles agora, o homem representava o centro do universo, e Deus era mantido na periferia. Eles o imaginavam como um Espectador dos eventos em seu próprio mundo e não, como o seu próprio Autor. Imaginavam eles que o fator determinante de todo e qualquer acontecimento era a forma de procedimento do homem, em vez de o plano de Deus para com o mesmo. Eles consideravam a felicidade dos seres humanos como a coisa mais interessante e importante na criação, tanto para Deus quanto para eles mesmos. Mas agora reconhecem que esta visão antropocêntrica era pecaminosa e anti-bíblica; compreendem que, de certa forma, todo o propósito da Bíblia é derrubar esta idéia, e que livros como os de Deuteronômio, Isaías, o evangelho de João e Romanos reduzem-na a frangalhos em praticamente cada capítulo. Reconhecem agora que, doravante, é Deus quem deve ser o centro dos seus pensamentos e preocupações, exatamente como ele é, na verdade o centro em seu próprio mundo. Só agora é que eles sentem a vigorosa força da famosa primeira resposta do *Breve Caterismo de Westminster: "O* fim principal do homem é glorificar a Deus e (em assim

fazendo e assim procedendo) gozá-lo para sempre." Agora eles enxergam que o caminho certo para encontrar a felicidade que Deus promete não é buscando-a como fim em si mesmo, mas esquecer-se a si mesmo no afã cotidiano de buscar a glória de Deus, fazer a sua vontade e provar do seu poder em meio aos altos e baixos, as situações estressantes e as tensões do dia a dia. Eles descobriram que é a glória e o louvor de Deus que deve absorvê-los totalmente de agora em diante, por todo o tempo e por toda a eternidade. Eles vêem que o propósito de toda a sua existência é que eles adorem e exaltem a Deus com todo o seu coração e por toda a vida. Em toda e qualquer circunstância, portanto, a grande questão é essa: o que contribuirá mais para a glória de Deus? O que eu devo fazer para que Deus possa ser exaltado nesta situação?

Eles reconhecem ainda, ao se fazerem esta pergunta, que por mais que Deus use os homens como meios para realizar os seus propósitos, em última análise, nada depende do homem; tudo depende, antes, do Deus que levanta homens para fazer sua vontade. Eles percebem também, que Deus controla cada situação muito antes de seus servos entrarem em cena, e que ele continua controlando e realizando a sua vontade por meio de cada ato que eles fazem – por meio de seus erros e falhas, não menos do que por meio do seu sucesso pessoal. Eles reconhecem, portanto, que não precisam jamais temer pela arca de Deus, como Uzá temeu, pois Deus certamente sustentará sua própria causa. Eles perceberam que jamais terão que cometer o mesmo erro de Uzá, de achar que são capazes de grandes coisas, e realizar a obra de Deus por meios escusos, por temerem que de outro modo ela não poderia jamais ser feita.[12] Eles se dão conta de que, visto que Deus está sempre no controle, não precisam nunca ter medo de que possam vir a expô-lo a danos e perdas, se eles se limitarem a servi-lo da forma como

[12] 2Sm 6.6 ss. Uzá desobedeceu à proibição descrita em Nm 4.15.

ele determinou. Eles perceberam que imaginar qualquer outra coisa seria, com efeito, como que negar a sua sabedoria, ou a sua soberania, ou ambas as coisas. Eles reconhecem, ainda, que o cristão nunca deve imaginar, nem por um momento, que é indispensável para Deus, ou autorizado a comportar-se como se o fosse. O mesmo Deus que o enviou e se compraz em trabalhar junto com ele, pode fazer tudo sozinho. Ele precisa estar disposto a se gastar e ser gasto nas tarefas que Deus lhe deu para cumprir, mas ele jamais deve supor que se Deus o deixar de lado e usar um outro no seu lugar, a perda seria irreparável para a Igreja. Sob hipótese alguma ele deve dizer a si mesmo "a obra de Deus entrará em colapso sem mim e tudo o que eu estou fazendo" – pois não há nenhum motivo para pensar assim. Nunca é verdade que Deus estaria perdido sem você ou eu. Todos aqueles que começaram a entender a soberania de Deus, acabam reconhecendo isso tudo, e assim, ficar em segundo plano em toda a sua obra para Deus. Corn isso eles trazem um testemunho prático à sua fé, de que Ceus é grande e reina, e procuram humilhar-se a si mesmos e agir de uma forma que represente, por si mesmo, o reconhecimento de que todo e qualquer fruto que os seus serviços possam vir a gerar, depende exclusivamente de Deus e não dele mesmo. Até este ponto eles estão certos.

Acontece que, na verdade, eles estão se expondo precisamente ao perigo oposto do acima discutido. Em seu zelo por glorificar a Deus, reconhecendo a sua soberania em graça e recusando-se imaginar que o seus serviços são indispensáveis para ele, eles caem na tentação de perder de vista a responsabilidade da Igreja na evangelização. Sua tentação está em pensar o seguinte: "Está certo, o mundo é incrédulo; mas, certamente, quanto menos fizermos para mudar isso, mais Deus será glorificado, quando ele intervir para restaurar a situação. O mais importante a fazer é tomar o cuidado de deixar toda a iniciativa nas suas boas mãos." Eles são tentados, portanto, a suspeitar

de todo empreendimento na evangelização, quer seja ele organizado ou pessoal, como se houvesse nisso alguma coisa que essencial e necessariamente exaltasse o homem. São assombrados pelo temor de correr na frente de Deus e de sentir que não há nada mais urgente do que guardarem-se contra a possibilidade de cometer tal erro.

Possivelmente o exemplo clássico desta forma de pensamento tenha ocorrido há dois séculos, com o diretor da fraternidade de ministros em que William Carrey propôs à fundação de uma agência missionária: "Sente-se, meu jovem," disse o ancião; "quando Deus quiser converter os pagãos , ele o fará sem a sua ajuda ou a minha!" A idéia de tomar a iniciativa de sair por aí, ganhando pessoas de todas as nações para Cristo lhe parecia imprópria e, a bem da verdade, até presunçosa.

Agora, é preciso que pensemos duas vezes, antes de condenarmos aquele senhor idoso. Ele não estava totalmente destituído de razão. Ao menos ele havia entendido que é Deus quem salva, que ele salva de acordo com o seu próprio propósito, e não aceita receber ordens do homem nesse assunto. Ele compreendeu ainda, que jamais devemos achar que, sem a nossa ajuda, Deus seria impotente. Em outras palavras, ele aprendeu a levar a soberania de Deus absolutamente a sério. O seu equívoco foi que ele não estava tratando com igual seriedade a responsabilidade evangelística da Igreja. Ele se esqueceu de que o meio pelo qual Deus salva os homens é enviando os seus servos para lhes falar do evangelho, e que a Igreja foi encarregada de ir por todo o mundo precisamente com este propósito.

Por outro lado, não devemos esquecer-nos disso. A ordem de Cristo significa que todos nós deveríamos dedicar todos os nossos recursos de criatividade e iniciativa à tarefa de tornar o evangelho conhecido, por todos os meios possíveis para todas as pessoas possíveis. O pouco caso e passividade

com relação à evangelização serão, portanto, sempre considerados atitudes indesculpáveis. A doutrina da soberania divina estaria sendo brutalmente mal aplicada se, ao invocá-la, provocássemos uma redução da urgência, pressa, prioridade e coerção comprometedora do imperativo evangelístico. Nenhuma verdade revelada pode ser invocada para atenuar o pecado. Deus não nos ensinou a realidade de seu governo com o intuito de nos oferecer uma desculpa para negligenciarmos suas ordens.

Na parábola dos talentos, que nos foi contada por nosso Senhor,[13] os servos "bons e fiéis" foram aqueles que promoveram os interesses do seu senhor, fazendo o uso legal mais empreendedor que puderam com o que lhes foi confiado. No caso do servo que enterrou o seu talento e não fez nada mais além de mantê-lo intacto, imaginando, sem dúvida, que com isso ele estava sendo extremamente bom e fiel, mas o seu senhor o julgou servo "mau", "negligente" e "inútil". Pois o que Cristo nos deu para nosso uso precisa ser usado de forma adequada; não basta simplesmente enterrar o talento. Devemos aplicar isso a nossa mordomia do evangelho. A verdade sobre a salvação nos foi revelada, não, para que simplesmente a preservássemos (embora certamente devamos fazer isso), mas também, e em primeira instância, para que nós a espalhássemos. A razão de ser da luz não é de ficar escondida debaixo de algum recipiente. Ela foi feita para brilhar e a nossa tarefa é cuidar para que ela brilhe sempre "Vós sois a luz do mundo..." diz o Senhor.[14] Todo aquele que deixar de dedicar-se à evangelização, de todas as maneiras que puder, estará assim, portanto, deixando de cumprir com o seu papel de bom e fiel servo de Jesus Cristo.

Há aqui, portanto, duas armadilhas opostas: o erro de Cila e o erro de Caribdes.[15] Cada um é resultado de uma visão parcial, o que quer dizer o mesmo que cegueira parcial; cada um

[13] Mt 25.14-30.
[14] Mt 5.14-16.
[15] Nota do tradutor acima.

deles revela uma incapacidade de encarar, de forma honesta, o antinômio bíblico da responsabilidade do homem e da soberania de Deus. Ambos se unem para advertir-nos a jamais jogarmos estas verdades uma contra a outra, muito menos permitir que qualquer uma delas obscureça ou ofusque a outra em nossas mentes. Ambos se unem, também, para nos prevenir contra a reação de um extremo do erro no outro. Se fizermos isso, é possível que o nosso estado final fique bem pior do que o inicial. Mas então, o que fazer? Manter o nosso rumo navegando ao longo canal que se localiza bem no meio, entre Cila e Caribdes; em outras palavras, evitar ambos os extremos. Como? Preocupando-nos em crer em ambas as doutrinas com todas as nossas forças, e mantendo ambas constantemente diante de nós, para a orientação e governo das nossas vidas.

Orientados por esta máxima, podemos avançar mais um pouco agora. No que segue, tentaremos tomar ambas as doutrinas absolutamente a sério, da forma como a Bíblia o faz, e enxergá-las em sua relação bíblica positiva. Não devemos contrapô-las uma à outra, já que a Bíblia não as dispõe uma contra a outra. Nem devemos qualificar ou modificar ou diluir quanquer uma delas em detrimento da outra, uma vez que a Bíblia também não o faz. O que a Bíblia faz é afirmar ambas as verdades, lado a lado, nos termos mais vigorosos e claros, como dois fatos finais; eis aí, portanto o posicionamento que devemos assumir em nosso pensamento. Quando perguntaram a C. H. Spurgeon certo dia, se ele seria capaz de reconciliar estas duas verdades uma com a outra, ele respondeu: "Eu nem ousaria tentá-lo", "Eu nunca reconcilio amigos." Amigos? – isso mesmo, *amigos*. Este é o ponto que precisamos entender. Na Bíblia, não há nenhuma inimizade entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Elas não são vizinhas briguentas; elas não estão em um estado de guerra fria interminável uma com a outra. Na verdade elas são *amigas* e trabalham juntas. Espero que o que vou dizer agora acerca da evangelização ajude a tornar isso mais claro.

Capitulo III
A EVANGELIZAÇÃO

Tentaremos agora responder, a partir das Escrituras, as quatro seguintes questões referentes à responsabilidade do cristão quanto à evangelização. O que é evangelização? Qual é o conteúdo da mensagem evangelística? Qual o motivo para evangelizar? Quais são os meios e os métodos que deveríam ser praticados na evangelização?

I. O que é evangelização?

Poderíamos esperar que os cristãos evangélicos não precisassem mais perder o seu tempo discutindo esta questão. Levando em conta a ênfase que os evangélicos, sempre e com toda a razão, costumam atribuir à supremacia da evangelização, seria natural presumir que todos estamos perfeitamente de acordo sobre o que é evangelização. Todavia, de fato, muito da confusão nos debates dos dias de hoje sobre a evangelização surge em decorrência da falta de concordância quanto a este ponto. A raiz de toda esta confusão pode ser expressa em uma só sentença. Encontra-se ela em nosso mais comum e persistente hábito de definirmos o evangelização em termos, não de uma mensagem anunciada, mas de um efeito produzido em nossos ouvintes.

Note, a título de ilustração, a famosa definição de evangelização que o Comitê de Arcebispos (da Igreja Anglicana) apresentou no seu relatório sobre a obra evangelística realizada pela

Igreja, em 1918. *"Evangelizar",* declarou o Comitê, "é *apresentar a Cristo Jesus no poder do Espírito Santo, de tal forma que os homens venham depositar a sua confiança em Deus, por meio dele, e venham a aceitá-lo como o seu Salvador e servi-lo como o seu Rei na comunhão da sua Igreja."*

Esta é uma excelente definição em vários sentidos. Ela declara de forma admirável o objetivo e propósito do empreendimento evangelístico, e elimina muitas idéias inadequadas e enganosas a este respeito. Ela deixa claro, para começar, o fato de que evangelizar significa *declarar uma mensagem específica.* Segundo esta definição, evangelização não significa meramente ensinar verdades gerais sobre a existência de Deus ou a lei moral; evangelizar significa *apresentar a Jesus Cristo,* o Filho divino que se tornou homem em um ponto particular da história do mundo, a fim de salvar uma raça arruinada. De acordo com esta definição, evangelizar tão pouco significa meramente apresentar os ensinamentos e exemplo do Jesus histórico, ou até mesmo a verdade sobre a sua obra salvadora; evangelização significa *apresentar a Jesus Cristo* em pessoa, o Salvador que vive e o Senhor que reina. Nem tão pouco, de acordo com esta definição, significa meramente apresentar o Jesus vivo, como Auxiliador e Amigo, sem qualquer referência à obra salvadora de Jesus na cruz; evangelização significa *apresentar* a Jesus *como o Cristo,* o servo ungido de Deus, que cumpriu as tarefas de seu ofício, como Sacerdote e Rei. "O homem Jesus Cristo", deve ser apresentado como o "único mediador entre Deus e os homens",[16] que "morreu, uma única vez, pelos pecados... para conduzir-vos a Deus".[17] Aquele *por meio de quem,* e exclusivamente através de quem, os homens podem *vir a colocar a sua confiança em Deus,* de acordo com a sua declaração acerca de si mesmo: "Eu sou o caminho, e a

[16] 1Tm 2.5.
[17] 1Pe 3.18.

verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim."[18] Ele deve ser proclamado como o *Salvador,* o Único que "veio ao mundo para salvar os pecadores",[19] e que nos "resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar"[20] – "Jesus, que nos livra da ira vindoura."[21] E ele deve ser apresentado como Rei: "Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser senhor tanto de mortos como de vivos."[22] Não há evangelização onde esta mensagem específica não é declarada.

Esta definição, mais uma vez, levanta a questão de que evangelizar significa declarar esta mensagem específica, *com uma aplicação específica.* De acordo com esta definição, não estaremos praticando evangelização algum, enquanto apresentarmos a Cristo Jesus como um assunto para estudo crítico e comparativo isolado. Segundo esta definição, evangelização significa apresentar a Cristo Jesus e sua obra em relação às necessidades de homens e mulheres decaídos, que estão distantes de Deus como Pai e sob a ira de Deus como Juiz. Evangelização significa apresentar-lhes Cristo Jesus como sua única esperança neste mundo ou no vindouro. Evangelização significa exortar os pecadores a *aceitarem* a Cristo Jesus como o *seu Salvador,* fazendo-os reconhecer que, sem ele, estarão, no sentido mais extremo e abrangente, literalmente perdidos. E tem mais. Evangelização também significa convocar as pessoas a receberem a Cristo Jesus, com tudo o que ele é – Senhor, bem como Salvador – e portanto, *servir a ele como o seu Rei na comunhão de sua Igreja,* que é a comunidade daqueles que o servem, testemunham e trabalham para ele aqui na terra. Em outras palavras, evangelizar significa emitir uma convocação

[18] Jo 14.6.
[19] 1Tm 1.15.
[20] Gl 3.13.
[21] 1Ts 1.10.
[22] Rm 1.9.

para a conversão, bem como para confiar; é a entrega, não só de um convite divino para se receber um Salvador, mas também de uma ordem divina para arrepender-se do pecado. E não haverá evangelização alguma onde não for feito este tipo de aplicação específica.

A definição em pauta estabelece estes aspectos cruciais de forma bastante adequada. Contudo ela apresenta um viés em um ponto fundamental. Ela coloca uma cláusula consecutiva onde deveria haver uma cláusula final. Se ela tivesse começado com: "Evangelizar é apresentar a Cristo Jesus a pessoas pecaminosas *a fim de que*, por meio do poder do Espírito Santo, elas *possam* depositar...", não teríamos achado nada de errado nisso. Mas não é bem isso que se diz. O que se diz é bem diferente: "Evangelizar é apresentar a Cristo Jesus no poder do seu Espírito Santo, *de tal forma que* os homens *venham a* depositar..." Isto significa definir a evangelização em termos de algum efeito alcançado na vida dos outros; que seria o mesmo que dizer que a essência da evangelização está em produzir convertidos.

Mas, como destacamos num momento anterior, isso não está certo. A evangelização é obra humana, mas a fé é dom de Deus. É verdade que, de fato, o alvo de cada evangelista é converter, e que nossa definição expressa perfeitamente o ideal que todo evangelista sonha em ver realizado no seu próprio ministério; acontece que a questão se alguém está evangelizando ou não, não pode ser resolvida simplesmente perguntando se a pessoa obteve conversões ou não. Tem havido missionários entre os muçulmanos, que trabalharam por toda uma vida sem obter conversões. Será que isto nos obriga a concluir que eles não estavam evangelizando? Existem pregadores não-evangélicos, através de cujas palavras (nem sempre entendidas no sentido pretendido) algumas pessoas foram saudavelmente convertidas. Devemos concluir daí que estes pregadores estavam mesmo evangelizando afinal? A resposta, certamente, será ne-

gativa em ambos os casos. Os frutos da pregação não dependem dos desejos e intenções dos homens, mas da vontade do Deus todo-poderoso. Esta consideração não significa que podemos ficar indiferentes quanto a Cristo, se vemos os frutos de nosso testemunho por Cristo ou não; se o fruto não está aparecendo, devemos buscar a face de Deus sobre isso e descobrir o porquê. Mas esta consideração significa que não devemos definir evangelização em termos dos resultados obtidos.

Como será, então, que poderíamos definir a evangelização? A resposta do Novo Testamento é muito simples. De acordo com o Novo Testamento, evangelizar significa simplesmente pregar o evangelho, as boas novas. Trata-se de um ministério de comunicação, no qual os cristãos tornam-se porta-vozes da mensagem de misericórdia de Deus aos pecadores. Qualquer um que transmita fielmente esta mensagem, não importa sob que circunstâncias, em uma grande reunião, em uma pequena conferência, de um púlpito, ou em uma conversa particular, estará evangelizando. Visto que a mensagem divina encontra o seu ponto alto no momento do apelo, da parte do Criador para o mundo rebelde, a que se converta e deposite' a sua fé em Cristo, sua transmissão significa a convocação dos ouvintes à conversão. Se você não estiver procurando obter conversões, neste sentido, você não estará evangelizando de fato, como já vimos anteriormente. Mas o modo de saber se de fato você está evangelizando não é perguntar se existem converções conhecidas como resultadc do seu testemunho. O que se deve perguntar é se você está sendo fiel em divulgar a mensagem do evangelho.

Para se obter um quadro completo do que o Novo Testamento entende por evangelização, basta atentarmos para o que o apóstolo Paulo declara sobre a natureza do seu próprio ministério evangelístico. Neste sentido, há três aspectos a serem observados:

1. Paulo evangelizava como um representante comissionado pelo Senhor Jesus Cristo. A evangelização era uma tarefa,

que havia sido confiada especificamente a ele, "Porque não me enviou Cristo para... mas para pregar o evangelho."[23] Agora, observe bem a maneira como ele considera a si mesmo em virtude dessa comissão. Em primeiro lugar, ele se via como o despenseiro de Cristo: "Assim, pois, importa que os homens nos considerem [a mim mesmo, e a meu companheiro pregador Apolo]", escreveu ele para os coríntios, "como ministros de Cristo e [nesta condição] despenseiros dos mistérios de Deus."[24] "A responsabilidade de despenseiro (isto é, uma comissão para administrar: 'uma mordomia') me é confiada".[25] Paulo via-se como um escravo que foi promovido a um cargo da mais alta confiança, como mordomo de uma casa nos tempos do Novo Testamento, sempre ocupava esta posição; tendo sido "aprovado(s) por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho",[26] e pesava sobre ele agora a responsabilidade de ser fiel, como um mordomo deve ser,[27] cuidando bem da preciosa verdade que lhe foi confiada (como ele mais tarde encarregaria Timóteo de fazer),[28] e distribuí-la e administrá-la de acordo com as instruções do seu Mestre. O fato de lhe ter sido confiado este cargo de mordomia significava para ele, como disse aos coríntios, que "sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!"[29] A figura do mordomo põe em relevo, assim, a responsabilidade que Paulo tinha de evangelizar.

Além disso, Paulo se vê como um arauto de Cristo. Quando ele se define como "designado pregador" do evangelho,[30] o substantivo que ele emprega é keryx, que significa um arauto, uma pessoa que faz declarações em público, em favor de uma

---

[23] 1Co 1.17.
[24] 1Co 4.1.
[25] 1Co 9.17.
[26] 1Ts 2.4. cf. 1Tm 1.11 ss; Tt 1.3.
[27] Cf. 1Co 4.2.
[28] 1Tm 6.20; 2Tm 1.13 ss.
[29] 1Co 9.16. cf. At 20.20, 26 ss; 2Co 5.10 ss; Ez 3.16 ss; 33.7 ss.
[30] 2Tm1.2: 1Tm 2.7.

outra pessoa. Quando ele declara que "nós pregamos a Cristo crucificado,"[31] o verbo por ele usado é kerysso, que denota a atividade própria do arauto, de tornar amplamente conhecido o que lhe foi dado para divulgar. Quando Paulo fala da "minhapregação", e da "nossapregação", e explica que, uma vez que a sabedoria do mundo tornou-se o mundo ignorante de Deus, "aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação",[32] o substantivo por ele usado é kerygma, referindo-se não à atividade da proclamação, mas à própria coisa proclamada, à proclamação em si, à mensagem declarada. Paulo não era um filósofo na sua própria concepção, nem se considerava um moralista, nem um dos homens sábios do mundo, mas simplesmente o arauto de Cristo. Seu Majestoso Mestre deulhe uma mensagem para proclamar; tudo o que tinha a fazer, portanto, era entregar esta mensagem com diligente e cuidadosa fidelidade, sem lhe acrescentar nada, nem alterar nada e sem omitir absolutamente nada. E ele devia entregá-la, não como se fossem brilhantes idéias de alguma personalidade, que precisassem melhorar a sua aparência, usando maquiagem e os saltos altos da erudição da moda, com a pretensão de fazer com que as pessoas olhassem para ela, e sim como sendo a palavra de Deus, declarada no nome de Cristo, portadora da autoridade de Cristo, com a pretensão de ser autenticada nos ouvintes por meio do poder convincente do Espírito de Cristo. "Eu, irmãos, quando fui ter convosco", lembra Paulo os coríntios, "anunciando-vos o testemunho de Deus". Eu fui, Paulo diz, não para dar-lhes minhas próprias idéias a respeito de algum assunto, mas simplesmente para transmitir-lhes a mensagem de Deus. Por isso "decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" – pois foi exatamente isto que Deus me enviou a dizer-lhes – e "A minha palavra e a minha pregação (kerygma) não consistiram em linguagem persuasiva

[31] 1Co 1.23.
[32] 1Co 2.4; 15.14; 1.21.

de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus."[33] A figura do arauto realça assim a *autenticidade* do evangelho de Paulo.

Em terceiro lugar, Paulo considerava-se *embaixador* de Cristo. Mas o que é um embaixador? Ele é o representante autorizado de um soberano. Alguém que não fala no seu próprio nome, mas em favor do governo que representa, e tudo o que ele tem o dever e a responsabilidade de fazer é interpretar, de modo fiel, a mente do governador àqueles para quem ele é enviado. Paulo usou esta metáfora duas vezes, ambas associadas à sua obra evangelística. Orem por mim, escreveu ele da prisão, "para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo." "Deus", escreveu ele ainda, "estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus."[34] Paulo se auto denominava um embaixador porque sabia que, sempre que ele proclamava os fatos, as promessas do evangelho e recomendava aos pecadores receberem a reconciliação realizada no Calvário, era a mensagem de Cristo ao mundo que ele estava declarando. A figura do embaixador, assim, realça a *autoridade* que Paulo tinha, como representante do seu Senhor.

Em sua evangelização, portanto, Paulo agia conscientemente como o escravo e o mordomo, o porta-voz e o arauto, o orador e o embaixador do Senhor Jesus Cristo. Conseqüente-

[33] 1Co 2.1-5. O argumento não será afetado se, no lugar de "testemunho", lemos "verdade secreta" neste versículo, como se lê na Bíblia na linguagem de hoje.
[34] Ef 6.19 ss; 2Co 5.19 ss.

mente, por um lado, temos sua constante ousadia e seu senso inabalável de autoridade diante do ridículo e da indiferença; por outro lado, temos, contudo, a sua recusa intransigente de adulterar a sua mensagem, a fim de adequá-la às circunstâncias. É evidente que as duas coisas estavam associadas, pois Paulo só podia considerar-se como falando com a autoridade de Cristo enquanto permanecesse fiel aos termos de sua comissão, e não dissesse nada mais nada menos do que lhe foi dado falar.[35] Mas enquanto ele pregasse o evangelho que Cristo lhe havia confiado, ele falava como um representante comissionado de Cristo, e portanto poderia falar com autoridade e reivindicar o direito de ser ouvido.

Mas a comissão de proclamar o evangelho e de fazer discípulos, nunca foi algo restrito aos apóstolos. Nem tão pouco é algo que se limita aos ministros da Igreja. Trata-se de uma comissão que envolve toda a Igreja, de forma comunitária e portanto, sobre cada cristão individualmente. Todo o povo de Deus foi enviado para agir da mesma forma que os filipenses agiram, e brilhar "como luzeiros no mundo, preservando a palavra da vida".[36] Cada cristão tem, pois, o dever atribuído por Deus de tornar conhecido o evangelho de Cristo. E cada cristão que declara a mensagem do evangelho a qualquer colega, faz isso como embaixador e representante de Cristo, de acordo com os termos da missão que lhe foi confiada por Deus. Esta é a autoridade e a responsabilidade da Igreja e do cristão na evangelização.

2. O segundo aspecto essencial da concepção que Paulo tinha do seu próprio ministério evangelístico é conseqüência do primeiro. *Sua primeira tarefa na evangelização era a de ensinar a verdade sobre o Senhor Jesus Cristo.*

Como embaixador de Cristo, a primeira preocupação de Paulo era de " fazer entendida" a mensagem que seu Soberano o encarregou de entregar. Cristo me enviou, ele declarava –

[35] Cf. Gl 1.8 ss.
[36] Fp 2.15 ss.

para fazer o que? – "para pregar o evangelho".[37] A palavra grega empregada aqui é evangelizomai, que significa tornar público o evangelion, que literalmente significa as "boas novas". Pois era isso mesmo que representava o evangelho para Paulo. As boas novas, Paulo proclamava, chegaram ao mundo – boas novas vindas de Deus. Isso não é comparável a nada ao que o mundo, judeu ou gentio, jamais imaginara ou esperara, mas é algo de que todo o mundo precisa. Estas boas novas são a "palavra de Deus", no sentido mais comum desta frase no Novo Testamento.[38] "A verdade", como Paulo muitas vezes a chama,[39] é uma revelação completa e final de tudo o que o Criador fez, e continuará a fazer, para salvar os pecadores. Trata-se de uma completa revelação dos fatos espirituais da vida no mundo apóstata de Deus.

E quais eram estas boas novas que Paulo pregava? Eram as novas sobre Jesus de Nazaré. Eram as novas a respeito da encarnação, da expiação e do reino – do berço, da cruz, da coroa – do Filho de Deus. Eram as novas sobre como Deus "glorificou a seu servo Jesus",[40] tornando-o Cristo, o tão esperado "Princípe e Salvador" do mundo.[41] Eram as novas sobre como Deus transformou o seu Filho em ser humano; e sobre como, enquanto homem, Deus o tornou Sacerdote e Profeta e Rei; e sobre como, enquanto Sacerdote, Deus também o fez sacrifício pelos pecados; e sobre como, enquanto profeta, Deus também o tornou um Legislador para seu povo; e como, enquanto Rei, Deus também o tornou Juiz de todo o mundo, e lhe atribuiu prerrogativas que no Antigo Testamento são exclusivas do próprio Jeová – quais sejam, reinar até que todo o joelho se dobre diante dele e para salvar todo aquele que invocar o

---

[37] 1Co 1.17.
[38] Cf. At4.31; 8.14; 11.1; 13.46; 2Co 2.17; Cl 1.25; 1Ts 2.13; 2Tm 2.9.
[39] Cf. 2C04.2; Gl 2.5,14; 2Ts 2.10 ss; 2Tm 2.18,25; 3.8.
[40] At 3.13.
[41] At 5.31.

seu nome. Em suma, as boas novas eram as seguintes: que Deus realizou o seu intento eterno de glorificar o seu Filho, exaltando-o como o grande Salvador de grandes pecadores.

Este era o evangelho que Paulo foi enviado para pregar. Tratava-se de uma mensagem de certa complexidade, que precisava ser aprendida antes que pudesse ser vivida e compreendida antes que pudesse ser aplicada. Ela precisava, portanto, ser ensinada. Assim sendo, Paulo, como o pregador desta mensagem, teve que virar um professor. E ele via isto como parte do seu chamado. Ele se refere ao "evangelho, para o qual eu fui designado pregador... e *mestre*".[42] E nos conta que o ensino era funcamental para sua prática evangelística; fala de "Cristo... o qual nós anunciamos, ... ensinando a todo homem em toda a sabedoria".[43] Em ambos os textos, a referência ao ensino é explicativa da referência à pregação. Em outras palavras: é por meio do ensino que o pregador do evangelho realiza o seu ministério. *Ensinar* o evangelho é nossa primeira responsabilidade: reduzi-lo a seus pontos mais simples, analisá-los um a um, determinar o seu sentido através de definições positivas e negativas, mostrar como cada parte da mensagem se relaciona a todo o resto – e continuar explicando-o até estar completamente seguro de que seus ouvintes tenham entendido tudo muito bem. Por isso, quando Paulo pregava o evangelho, formal ou informalmente, na sinagoga ou nas ruas, para judeus ou para gentios, para uma multidão ou para um só homem, o que ele fazia era ensinar – chamando a atenção, cativando o interesse, expondo os fatos, explicando o seu significado, resolvendo dificuldades, respondendo a objeções, e indicando como a mensagem se aplica à vida. Lucas costuma descrever o ministério evangelístico de Paulo mencionando que ele discutiu ou debatia (dialegomai: "arrazoava" ou "argumentava"),[45]

[42] 2Tm 1.10 ss.
[43] Cl **1.28.**
[44] **At** 9.29.
[45] **At** 17.2,17; 18.4; 19.8 ss; 24.25.

ou *ensinava*,[46] ou *persuadia* (isto é, procurava ganhar o bom senso de seus ouvintes).[47] Paulo mesmo se refere ao seu ministério entre os gentios como um ministério que era, antes de mais nada, o de instrução: "A mim ... me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo, e *manifestar*, qual seja a dispensação do mistério..."[48] É claro que na visão de Paulo, sua primeira e mais essencial tarefa enquanto pregador do evangelho era transmitir conhecimento – fixar a verdade do evangelho nas mentes dos homens. Para ele, ensinar a verdade era a atividade evangelística básica, portanto, o único método correto de evangelização era o método de ensino.

3. O objetivo último de Paulo na evangelização era converter os seus ouvintes à fé em Cristo.

A palavra " converter", equivale, na tradução grega, a *epistrepho,* que significa – e às vezes é traduzida como – "voltar-se". Consideramos a conversão como uma obra de Deus, e ela é isso mesmo de certo ponto-de-vista; mas é surpreendente observarmos que nas três passagens do Novo Testamento, onde se usa *epistrepho* no sentido transitivo de "converter" alguém para Deus, o sujeito do verbo não é Deus, como seria de se esperar, mas um pregador. O anjo disse acerca de João Batista: "E *converterá* muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus."[49] Tiago diz: "Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o *converter,* sabei que aquele que *converte* o pecador... salvará da morte a alma dele..."[50] E o próprio Paulo diz a Agripa como foi que Cristo lhe dissera: "eu te envio (para os gentios), para lhes abrires os olhos e os *converteres* das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus", e como foi

[46] At 18.2; 28.31
[47] At 18.4; 19.8,26; 28.23; cf. 26.28.
[48] Ef 3.8.
[49] Lc 1.16.
[50] Tg 5.19 ss.

que ele obedeceu à visão celestial, proclamando, tanto aos Judeus quanto aos gentios, que "se arrependessem e se convertessem a Deus".[51] Estas passagens apresentam a conversão de outras pessoas como a obra do povo de Deus, uma tarefa que eles devem realizar, convocando os homens a se voltarem para Deus em atitude de arrependimento e fé.

Quando as Escrituras falam assim da conversão e igualmente da salvação, como uma tarefa a ser realizada pelo povo de Deus, é claro que elas não estão colocando em questão a verdade de que, falando corretamente, é Deus quem mais propriamente converte e salva. O que elas estão dizendo é simplesmente que a conversão e a salvação do próximo deve ser o objetivo almejado por todos os cristãos. O pregador precisa empenhar-se em converter a sua congregação; a esposa deve trabalhar para salvar o seu marido incrédulo.[52] Os cristãos foram enviados para converter e eles não devem se dar ao luxo, como representantes de Cristo no mundo, de almejar nada menos do que isto. Evangelizar, portanto, não se limita a uma simples questão de ensinar, instruir e alimentar a mente dos outros com informações. Há mais coisas em jogo aqui. Evangelizar inclui o esforço por induzir uma resposta à verdade ensinada. Trata-se de uma comunicação que visa a conversão. Não se trata de uma questão de mera informação, mas também de convite. Trata-se de uma tentativa de ganhar, ou conquistar, ou cativar, nosso próximo para Cristo.[53] O nosso Senhor o compara ao trabalho do pescador.[54]

É Paulo, novamente, o nosso modelo neste ponto. Como vimos, Paulo via-se como alguém que foi enviado por Cristo, não apenas para abrir as mentes dos homens, ensinando-lhes o evangelho (embora isso fosse um pressuposto), mas também

[51] At 26.17 ss.
[52] 1Co 7.16.
[53] Veja 1Co 9.19 ss; 1Pe 3.1; Lc 5.10.
[54] Mt 4.19; cf. 13.47.

fazer com que eles se convertessem a Deus, exortando-os e aplicando a verdade às suas vidas. Coerentemente com isso, o seu objetivo declarado não era meramente de divulgar informações, mas de salvar os pecadores: "com o fim de, por todos os modos, salvar alguns."[55] Assim, havia na sua pregação evangelística tanto instrução – que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo", – quanto súplica – "Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus."[56] A sua responsabilidade estendia-se, não apenas ao evangelho que ele foi encarregado de pregar e preservar, mas também em relação às pessoas necessitadas às quais ele foi enviado para comunicá-lo, e que estavam morrendo sem ele.[57] Na qualidade de apóstolo de Cristo, ele era mais do que um professor da verdade; ele era um pastor de almas, enviado ao mundo, não para ministrar sermões aos pecadores, mas para amá-los. Pois está certo que ele era um apóstolo, mas antes de mais nada, ele era um cristão. Como um cristão, ele era um homem chamado para amar o seu próximo. Isto significava simplesmente que, em toda e qualquer situação, e por todos os meios ao seu alcance, sua tarefa era buscar o bem dos outros. A partir deste ponto de vista, sua comissão apostólica de evangelizar e fundar igrejas, não representava mais do que a maneira específica pela qual Cristo o havia chamado para cumprir a lei do amor para com o seu próximo. Ele jamais poderia, portanto, pregar o evangelho de uma forma áspera e insensível, colocando-o diante do seu próximo com um ar desdenhoso de "aí está" – é pegar ou largar", e desculpar-se por sua indiferença para com as pessoas com base em sua fidelidade à verdade. Tal conduta seria total falta de amor da sua parte. A sua tarefa era de apresentar a verdade em um espírito de amor, como uma forma de expressar e realizar o seu desejo de salvar os seus ouvintes. A

[55] 1Co 9.22; cf. Rm 11.14.
[56] 2Co 5.19 ss.
[57] Cf. Rm 1.13 ss.

atitude que caracterizava toda a prática evangelística de Paulo era: "pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros... Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma."[58]

Toda nossa própria prática evangelística deve ser realizada neste mesmo espírito. Assim como amar o nosso próximo sugere e exige que nós o evangelizemos, assim também a ordem para evangelizar representa uma aplicação específica do mandamento para que amemos os outros por causa de Cristo, e deve ser cumprido como tal.

O amor fez Paulo ser amável e afetuoso em sua evangelização: "nos tornamos carinhosos entre vós", lembrava Paulo aos tessalonicenses "... assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós."[59] O amor também fez Paulo ser atencioso e flexível em sua evangelização; embora ele se recusasse categoricamente a adulterar sua mensagem só para agradar aos homens,[60] ele fazia tudo que era necessário em sua apresentação dela, para evitar ofender alguém ou colocar qualquer tipo de impedimento desnecessário no caminho da aceitação e resposta a ela por parte dos homens: "Porque, sendo livre de todos", escreveu ele para os coríntios, "fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns."[61] Paulo procurava salvar as pessoas e, precisamente porque ele tentava salvá-

[58] 2Co 02.14 ss.
[59] 1Ts 2.7 ss.
[60] Cf. Gl 1.10; 2Co 2.17; 1Ts 2.4.
[61] 1Co 9.19 ss; cf. 10.33.

las, ele não se contentava em meramente jogar a verdade diante da face deles; mas ele saía do seu caminho para se colocar bem ao lado deles, passando a pensar como eles pensam, a partir de onde eles se encontravam, dirigindo-se a eles usando termos que eles podiam entender e, acima de tudo, evitando tudo o que pudesse fazê-los repudiar o evangelho, e assim, por algum obstáculo no seu caminho. Em seu zelo de manter a verdade, ele nunca perde de vista as necessidades e reivindicações das pessoas. Seu maior alvo e objeto, em todo seu tratamento do evangelho, mesmo no calor das polêmicas que os conceitos contrários evocavam, nunca foi nada menos do que ganhar almas, convertendo à fé no Senhor Jesus todos aqueles que ele considerava como os seus próximos.

Isto era evangelização segundo Paulo: sair em amor como agente de Cristo no mundo, para ensinar aos pecadores a verdade do evangelho, com vistas à sua conversão e salvação. Se, portanto, estamos engajados nesta atividade, neste espírito e com este objetivo, estamos evangelizando, independente dos meios particulares pelos quais o estamos fazendo.

Notamos anteriormente, como a nossa concepção acaba se tornando equivocada se definimos a evangelização em termos demasiadamente genéricos, fazendo-nos admitir que gerar novos convertidos é nossa responsabilidade pessoal. Gostaríamos de destacar agora que há um equívoco oposto, que deve ser igualmente evitado; o equívoco de definir a evangelização de forma limitada demais. Um modo de cometer este erro seria o de definir a evangelização de forma institucional, em termos de defender algum tipo particular de reunião evangelística, – uma reunião, digamos assim, organizada em estilo informal, no decorrer da qual fossem dados testemunhos, cantados hinos, e um apelo é feito no final para que se dê algum sinal externo, um levantar da mão, ou levantar da cadeira, ou dirigir-se para a frente, indicando que se aceitou a Cristo. Se comparássemos a responsabilidade evangelística da Igreja, com

a defesa de tais reuniões, ou a responsabilidade evangelística do cristão com o trazer pessoas não convertidas a reuniões como esta, então estaríamos gravemente equivocados, como veremos a partir das seguintes considerações:

a) Em primeiro lugar, existem muitas maneiras de levar o evangelho perante os não convertidos com o intuito de conquistá-los, além de convidá-los para reuniões deste tipo. Para começar, temos a evangelização pessoal, com o qual André conquistou a Pedro, Filipe ganhou Natanael e com o qual Paulo conquistou a Onésimo.[62] Temos ainda o encontro nos lares e os grupos de estudo Bíblico. Além disso, e o que é mais importante, há os cultos dominicais regulares, que acontecem todos os domingos nas igrejas locais. Na medida em que a pregação em nossos cultos dominicais for fiel às Escrituras, tais cultos necessariamente serão evangelísticos. É um equívoco achar que as pregações evangelísticas são um tipo especial de sermão, dotados de seu estilo próprio e convenções peculiares; sermões evangelísticos não passam de sermões bíblicos, o tipo de sermão que ninguém pode evitar de pregar, se estiver pregando a Bíblia de forma bíblica. Sermões de verdade buscam sempre expor e aplicar o que está escrito na Bíblia. Mas o que se encontra na Bíblia é apenas todo o conselho de Deus para a salvação do homem. Toda a Escritura dá testemunho de uma forma ou de outra, de Cristo, e todos temas tratados na Bíblia estão relacionados com ele. Todo e qualquer sermão verdadeiro terá necessariamente, portanto, que declarar de algum modo a Cristo, e assim, será mais ou menos diretamente evangelístico. É evidente que alguns sermões almejam a conversão dos pecadores de forma muito mais estrita e exclusiva do que outros. Mas você não pode apresentar o Senhor Jesus Cristo da forma como a Bíblia o apresenta, como resposta de Deus para todo o problema de relacionamento dos pecadores com ele, sem estar sendo efetivamente evangelístico o tempo todo. "O Senhor Je-

[62] Jo 1.40 ss; Fl 10.

sus Cristo", disse Robert Bolton, "é oferecido mais livremente e sem exceção a qualquer pessoa, a cada sábado, a cada sermão, quer em termos claros e diretos quer de forma implícita ao menos."[63] Portanto, a evangelização torna-se algo inevitável, onde quer que a Bíblia seja pregada de forma bíblica. E há algo terrivelmente errado em qualquer igreja, ou em qualquer ministério humano, a que a regra de Bolton não se aplique. Se em nossas igrejas as reuniões "evangelísticas" e sermões "evangelísticos" são considerados como ocasiões especiais, que se destacam da ordem natural das coisas, esta é uma flagrante denúncia contra os nossos cultos dominicais normais. De modo que, se imaginamos que o trabalho essencial de evangelização resume-se em organizar algum tipo especial de reunião, que se realizem, digamos assim, fora dos horários normais de culto, isso simplesmente provaria que não temos a mínima noção de para quê servem os nossos cultos dominicais regulares.

b) Em segundo lugar, imagine uma igreja local, ou comunidade de cristãos, que esteja se dedicando de todo o coração à evangelização, aplicando todos os meios acima mencionados – abordagem pessoal, encontros nos lares e pregação do evangelho nos cultos regulares – mas que nunca teve chance de organizar ou participar de reuniões evangelísticas, nem de qualquer outro tipo especial de encontro que estamos considerando. Se igualássemos o dever cristão de evangelizar com a realização e sustento deste tipo de encontro, teríamos que concluir que essa igreja ou comunidade, porque os evita, não está praticando absolutamente nenhum tipo de evangelização. Mas isso seria como que defender que não podemos considerar um verdadeiro cidadão brasileiro quem não estiver morando em São Bernardo do Campo. E certamente seria um tanto estranho acusar as pessoas de que não estão evangelizando, só porque elas não participam de encontros deste tipo, dos quais, aliás, não há nenhum traço no

[63] *Instructions for a Right Conforting Afflicted Consciences*, 3a ed. (1640), **p.** 185.

Novo Testamento. E será, portanto, que não havia qualquer prática de evangelização nos tempos do Novo Testamento?

c) Em terceiro lugar, é preciso que se diga que uma reunião ou culto não é necessariamente evangelístico, só porque ele inclui testemunhos, côros e um apelo, da mesma forma como ninguém será necessariamente brasileiro só porque vive em Copacabana ou sabe tocar um samba. A pergunta que devemos fazer para descobrir se um culto particular é evangelístico, não é se houve algum tipo de apelo para decisão e sim, que tipo de verdade foi ensinada nele. Se, ao que tudo indica, a pregação do evangelho foi insuficiente para um apelo que exigisse uma resposta inteligível por parte da congregação, seria bastante duvidoso chamarmos um encontro como esse de evangelístico.

Não estamos dizendo isso tudo para criar polêmica, mas simplesmente com vistas à clareza de pensamento. Não é parte de nosso propósito denegrir qualquer tipo de reunião ou campanha evangelística em si. Não estamos sugerindo que não haja nenhum espaço para reuniões evangelísticas especiais; coisa que, aliás, em face do excessivo paganismo do mundo moderno, não seria muito razoável. O único ponto que estamos constatando aqui é que temos igualmente espaço para outras formas de ação evangelística; de fato, sob certas circunstâncias, um lugar até prioritário. Se considerarmos quantas reuniões e séries de reuniões deste tipo Deus usou no passado, tudo indica, numa primeira análise, que é razoável e faz sentido a idéia, de que elas constituam uma forma normal, natural e necessária ou, na verdade, até o único padrão de evangelização para o presente e para o futuro. Mas não podemos tirar uma conclusão dessas. Pode haver evangelização sem estas reuniões. Elas não são absolutamenteessenciais para a prática da evangelização. Sempre e por qualquer meio que o evangelho é transmitido com vistas a conversão, ali você tem evangelização. A Evangelização não deve ser definida de forma institucional, de acordo

com o tipo de reunião realizada, mas sim teologicamente, de acordo com o que está sendo ensinado e com que propósito.

No próximo item discutiremos quais são os princípios que devem nos guiar para estabelecermos o valor dos diferentes métodos de evangelização, e em que medida o dever do cristão de evangelizar está de fato envolvido nisto.

II. Qual é o conteúdo da mensagem evangelística?

Este assunto será por nós tratado de forma bastante sumária. Em uma palavra, o conteúdo da mensagem evangelística é o evangelho de Cristo, e do Cristo crucificado; a mensagem do pecado do homem e da graça de Deus, da culpa humana e do perdão divino, do novo nascimento e da nova vida por meio do dom do Espírito Santo. Trata-se de uma mensagem composta de quatro ingredientes essenciais:

1. O evangelho é uma mensagem sobre Deus. Ele nos diz quem ele é, qual o seu caráter, quais os seus padrões e o que ele requer de nós, que somos suas criaturas. Ele nos diz que devemos, nada mais nada menos, do que a nossa própria existência a ele, que, para bem ou para mal, estamos sempre nas suas mãos e sob as suas vistas, e que ele nos criou para o glorificarmos e servirmos, para anunciarmos seu louvor e vivermos para a sua glória. Estas verdades representam o fundamento da religião teísta, e, enquanto elas não forem compreendidas, o restante da mensagem do evangelho não parecerá nem convincente nem relevante. Aqui, com a declaração da completa e constante dependência do homem em relação ao seu Criador, que começa a história cristã.

Neste ponto temos, mais uma vez, muito que aprender com Paulo. Quando pregava para os judeus, como em Antioquia da Pisídia,[64] ele não sentia a necessidade de mencionar o fato

[64] At 13.16 ss.

de que os homens eram criaturas de Deus; pois já podia contar com este pressuposto como ponto pacífico, pois os seus ouvintes pautavam-se na fé do Antigo Testamento. Ele podia ir logo falando-lhes de Cristo como o cumprimento das esperanças do Antigo Testamento. Mas quando pregava aos Gentios, que não sabiam nada do Antigo Testamento, Paulo tinha que começar um pouco antes, voltando ao começo. E o começo, do qual Paulo partia nestes casos, era a doutrina da criação da parte de Deus e da criaturalidade do homem. Assim, quando os atenienses solicitaram que ele explicasse o que queria dizer toda aquela sua conversa sobre Jesus e a ressurreição, ele lhes falou, antes de mais nada, sobre Deus o Criador, e o porquê ele criou o homem. "O Deus... fez o mundo... ele mesmo é quem dá vida, respiração e tudo mais; e de um só fez toda a raça humana... para buscarem a Deus."[65] Não se tratava aqui, como alguns supunham, de uma peça de apologética filosófica, como aquela a que Paulo iria renunciar mais tarde, mas da primeira e mais fundamental lição de fé teísta. O evangelho começa ensinando-nos que, como criaturas, somos absolutamente dependentes de Deus, e que ele, como Criador, tem direito absoluto sobre nós. Somente depois de termos entendido isso, estaremos em condições de reconhecer o que é o pecado, e somente quando reconhecemos o que é o pecado, podemos entender as boas novas da salvação do pecado. É necessário antes de mais nada, compreendermos o significado de chamar a Deus de Criador, para estarmos em condições de entender o que significa falar dele como Redentor. Falar sobre o pecado e a salvação não resultará em nada, se não tivermos aprendido esta lição preliminar pelo menos em parte.

2. O evangelho é uma mensagem sobre o pecado. Ele nos fala de como foi que não alcançamos o padrão divino; como nos tornamos culpados, corruptos e impotentes no pecado, e como estamos sob a ira de Deus agora. Ele nos conta que a

[65] **At** 17.24 **ss.** Veja ainda **At** 14.15 ss.

razão porque pecamos constantemente é que somos pecadores por natureza, e que nada do que fazemos ou tentamos fazer por nós mesmos pode nos endireitar ou nos fazer voltar a usufruir do favor de Deus. Ele nos mostra como Deus nos vê, e nos ensina a pensar a nosso respeito da mesma forma como Deus pensa a nosso respeito. Deste modo ele nos leva ao autodesespero. Este estágio, aliás, também é necessário. Enquanto não tivermos nos dado conta da nossa necessidade de fazer as pazes com Deus, e da nossa incapacidade de fazê-las pelas nossas próprias forças, não podemos vir a conhecer o Cristo que nos salva do pecado.

Existe um grave perigo aqui. Todos nós já experimentamos coisas que nos causaram insatisfação e vergonha na vida. Todos têm uma consciência pesada devido alguma coisa em seu passado, questões nas quais não alcançamos os padrões que estabelecemos para nós mesmos, ou que eram esperadas pelos outros. O perigo que corremos na nossa evangelização é de que nos contentemos em evocar as lembranças destas coisas, fazendo as pessoas sentirem-se incomodadas com elas, para depois descrever a Cristo como o único que nos salva desses elementos em nós mesmos, chegando até a deixar de tocar na questão do nosso relacionamento com Deus. Mas esta é precisamente a questão que deve ser levantada quando falamos sobre o pecado. Pois a própria idéia de pecado na Bíblia é de uma ofensa contra Deus, que rompe o relacionamento do homem com Deus. Se não reconhecermos as nossas deficiências à luz da lei e da santidade de Deus, jamais seremos capazes de reconhecê-las como pecado. Pois o pecado não é um conceito social; trata-se de um conceito teológico. Embora o pecado seja cometido pelo homem e muitos pecados sejam cometidos pela sociedade, o pecado não pode ser definido em termos, quer do homem quer da sociedade. Nunca saberemos o que o pecado realmente é, enquanto não tivermos aprendido a pensar nele como Deus pensa, medindo-o não segundo padrões hu-

manos, mas de acordo com o parâmetro da sua exigência absoluta sobre as nossas vidas.

O que é preciso que compreendamos, então, é que a consciência pesada do homem natural não significa absolutamente o mesmo que a convicção de pecado. Não se pode, portanto, concluir que uma pessoa está convencida do pecado, só porque está angustiada com a sua fraqueza e as coisas erradas que tenha praticado. A convicção de pecado não se reduz em sentir-se miserável consigo mesmo, suas próprias falhas e a incapacidade de satisfazer as exigências da vida. Nem seria salvadora a fé se um homem nesta condição invocasse o Senhor Jesus Cristo somente para se acalmar, animar-se e sentir-se confiante de novo. Nem tão pouco estamos pregando o evangelho (embora pudéssemos imaginar que estivéssemos), se não fizemos nada mais do que apresentar a Cristo, como se fosse um meio de satisfação dos desejos que o homem possa sentir. (Vocês estão certos de que são felizes? Estão se sentindo satisfeitos? Desejam ter paz de espírito? Sentem-se fracassados? Sentem-se cheios de si mesmos? Estão precisando de um amigo? Então venham a Cristo; ele satisfará cada uma das suas necessidades..." – como se o Senhor Jesus Cristo fosse uma espécie de fada madrinha ou um super-psiquiatra). Não, precisamos ir mais longe do que isso. Pregar sobre o pecado não significa tirar proveito das fragilidades sentidas pelas pessoas (o truque da "lavagem cerebral"), mas de julgar suas vidas de acordo com a santa lei de Deus. Estar convencido do pecado não significa meramente sentir-se um completo fracasso, mas dar-se conta de que ofendeu a Deus, a sua autoridade, e que o provocou, desafiou, e colocou-se de forma totalmente errada com ele. Pregar a Cristo significa anunciá-lo como o Único que, por meio da sua cruz, é capaz de novamente corrigir a situação do homem diante de Deus. Depositar a fé em Cristo significa confiar nele, e somente nele, para restaurar-nos à comunhão e ao favor de Deus.

A verdade é que o Cristo real, o Cristo da Bíblia, que se oferece a nós como Salvador do pecado e como o nosso Advogado diante de Deus, de fato dá paz, alegria, força moral e o privilégio de sua própria amizade a todos aqueles que confiam nele. Mas o Cristo que é apresentado e desejado simplesmente para tornar mais fáceis a grande quantidade de infortúnios da vida, suprindo-os com ajuda e conforto, não é o Cristo real, e sim, um Cristo distorcido e mal interpretado – com efeito, nada mais do que um Cristo imaginário. Se nós fazemos as pessoas olharem para um Cristo imaginário, não temos motivo algum para esperar que elas encontrem a verdadeira salvação. É preciso, portanto, que estejamos atentos para o perigo de equipararmos uma consciência pesada e sentimento de infelicidade naturais com a convicção espiritual do pecado, e assim esquivar-nos, em nossa evangelização, da tarefa de deixar bem claro aos pecadores a verdade fundamental acerca da condição em que se encontram – que é de alienados de Deus pelo seu pecado e de pessoas à mercê da sua condenação, hostilidade e ira, de modo que sua primeira necessidade é a de restauração do relacionamento com ele.

Poderíamos nos perguntar agora o seguinte: quais são os sinais da verdadeira convicção do pecado, como distinta da mera consciência natural pesada, ou do mero desgosto na vida, que qualquer pessoa desiludida pode sentir?

Os sinais parecem ser ao todo três:

a) A convicção de pecado é essencialmente a consciência *de um relacionamento errado com Deus:* não apenas com o nosso vizinho, ou com a própria consciência e ideais que cultivamos para conosco mesmos, mas com o nosso Criador, o Deus em cujas mãos está o ar que respiramos, do qual depende a nossa existência a cada momento. Não seria absolutamente suficiente definirmos a convicção do pecado como um senso de necessidade, sem qualificação; não se trata de um senso de

necessidade qualquer, mas de um senso de necessidade em particular – a saber, uma necessidade de restauração da nossa comunhão com Deus. Trata-se da compreensão de como a pessoa está agora. Ela está em um relacionamento com Deus que só pode expressar rejeição, vingança, ira e sofrimento para o presente e para o futuro; e uma compreensão de que este tipo de relacionamento é intolerável e que não podemos mantê-lo sob hipótese alguma, e conseqüentemente, um desejo de que ele seja mudado a todo o custo e em quaisquer condições. A convicção do pecado pode estar centrada na nossa consciência de culpa diante de Deus, ou então, da nossa impureza aos seus olhos, ou da nossa rebelião contra ele, ou da nossa alienação e estranhamento dele, mas sempre teremos a consciência da necessidade de acertar as coisas, não só conosco mesmos ou com as outras pessoas, mas com Deus.

b) A convicção de pecado sempre inclui a convicção de *pecados:* um senso de culpa por erros particulares cometidos aos olhos de Deus, dos quais devemos retornar e sermos libertos, se quisermos sempre estar de bem com Deus. Foi assim que Isaías conscientizou-se especificamente dos pecados da língua[66] e Zaqueu do pecado de extorsão.[67]

c) A convicção de pecado sempre inclui convicção da *pecaminosidade:* uma consciência da nossa corrupção e perversidade total aos olhos de Deus e da conseqüente necessidade do que Ezequiel chamou de um "novo coração",[68] e nosso Senhor de novo nascimento,[69] isto é, uma recriação moral. Assim, o autor do Salmo 51 – tradicionalmente tido como Davi, convencido do seu pecado com Bate-Seba – não se limita a confessar transgressões particulares (versos 1-4), mas também confessa a total depravação da sua natureza (versos 5,6), e bus-

[66] Is 6.5.
[67] Lc 19.8.
[68] Ez 36.26.
[69] Jo 3.3 ss.

ca purificar-se tanto da culpa quanto da corrupção (versos 7-10). Na verdade, talvez a forma mais breve de dizer se uma pessoa está convicta do pecado é remetê-la ao Salmo 51, e ver se o seu coração está de fato falando algo parecido com a linguagem empregada pelo salmista.

3. O evangelho é uma mensagem acerca de *Cristo* – Cristo, o Filho de Deus encarnado; Cristo, o Cordeiro de Deus, que morreu pelos pecados; Cristo, o Senhor ressurreto; Cristo, o Salvador perfeito.

Nesta parte da mensagem, é preciso notarmos dois pontos:

a) *Nunca devemos apresentar a Pessoa de Cristo separada da sua obra salvadora.*

Diz-se, às vezes, que é a apresentação da pessoa de Cristo muito mais do que as doutrinas a seu respeito, que faz com que os pecadores se lancem aos seus pés. A verdade é que é o Cristo vivo que salva, e que uma teoria da expiação, por mais ortodoxa que seja, não pode substituí-10. Entretanto, quando é feita esta observação, o que geralmente se sugere é que o ensino da doutrina é dispensável na pregação evangelística, e que tudo o que um evangelista precisa fazer é pintar um vívido retrato falado do Homem da Galiléia, que procurou praticar o bem, e depois assegurar aos seus ouvintes que este mesmo Jesus continua vivo para ajudá-los nas suas dificuldades. Acontece que uma mensagem como esta dificilmente poderia ser chamada de evangelho. Na realidade, não passaria de uma mera charada, que não serviria para nada mais do que mistificar as coisas. Mas quem foi esse Jesus, afinal? – poderíamos perguntar. Qual é sua posição agora? Uma pregação como esta daria margem a este tipo de questionamento, ao mesmo tempo em que acabaria ocultando as respostas. E isso certamente deixaria qualquer ouvinte atencioso absolutamente confuso.

Pois a verdade é que a figura histórica de Jesus nunca fará sentido para você enquanto não souber nada sobre a *encarnação*

– o fato de que este Jesus era mesmo Deus, o Filho, que se fez homem para salvar os pecadores, de acordo com o propósito eterno do seu Pai. A vida dele também não lhe fará qualquer sentido enquanto você não souber nada a respeito da *expiação* – que ele viveu como homem, a fim de que pudesse morrer no lugar dos homens, e que a sua paixão, o seu assassinato judicial, representou, na realidade, a sua ação salvadora de tirar os pecados do mundo. Você também não pode falar sobre quais as condições para ter acesso a ele agora, enquanto não souber nada acerca da *ressurreição, ascensão* e das *regiões celestiais* – que Jesus foi ressuscitado, entronizado e feito Rei, e que ele vive para salvar absolutamente todos os que reconhecem o seu Senhorio. Estas doutrinas, para não falar de outras, são essenciais ao evangelho. Sem elas não há evangelho, mas somente uma história que é um verdadeiro quebra-cabeça sobre um homem chamado Jesus. Opor o ensino das doutrinas sobre Cristo à apresentação da sua Pessoa é, portanto, estabelecer divisão entre duas coisas que Deus juntou. E isso seria algo deveras perverso, pois todo o propósito no ensino destas doutrinas através da evangelização, é o de lançar luz sobre a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, e de deixar claro aos nossos ouvintes tão somente quem é esta pessoa que desejamos que eles encontrem. Quando, na vida social comum, desejamos que as pessoas conheçam quem estamos lhes apresentando, nós lhes contamos alguma coisa sobre ela, e o que ela fez; e precisamente o mesmo se aplica ao nosso caso. Os próprios apóstolos pregavam estas doutrinas a fim de pregar a Cristo, como indica o Novo Testamento. Pois o fato é que, se você deixar de fora estas doutrinas, não lhe restará mais evangelho algum para pregar. De fato, sem estas doutrinas você não teria absolutamente nenhum evangelho para pregar.

b) Mas existe um segundo ponto, complementar a este. *Não se deve apresentar a obra salvadora de Cristo de forma separada da sua Pessoa.*

Muitos pregadores evangelísticos e praticantes da evangelização pessoal ficaram famosos por terem cometido este equívoco. Na sua preocupação em concentrar a sua atenção sobre a morte expiatória de Cristo, como a única base suficiente pela qual os pecadores podem ser aceitos por Deus, eles formulavam os seus apelos à fé salvadora nestes termos: "Creia que Cristo morreu pelos seus pecados." O efeito de uma exposição como esta é apresentar a obra salvadora de Cristo no passado, dissociada da sua Pessoa no presente, como todo o objeto da nossa confiança. Mas não é nada bíblico isolar o trabalho do Trabalhador. O chamado para a fé jamais se expressa nestes termos em lugar algum do Novo Testamento. O único tipo de apelo que o Novo Testamento faz é para depositarmos a nossa fé em (*en-eis*)[70] ou sobre (epi) o próprio Cristo – o lugar certo para depositarmos a nossa confiança no Salvador vivo que morreu pelos pecados. Estritamente falando, o objeto da fé que salva, portanto, não é a expiação, mas o Senhor Jesus Cristo, que realizou a obra de expiação. Ao apresentarmos o evangelho, não devemos isolar a cruz dos benefícios que ela traz, do Cristo nela crucificado. Pois as pessoas que usufruem os benefícios da morte de Cristo são precisamente as mesmas que confiam na sua Pessoa, e não crêem apenas e simplesmente na sua morte salvadora, mas nele mesmo, o Salvador vivo. "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo",[71] disse Paulo. "Vinde a mim,... e eu vos aliviarei",[72] disse o nosso Senhor.

Sendo assim, uma coisa se torna imediata e instantaneamente clara: a saber, que a questão sobre a extensão da expiação, que está sendo bastante discutida em determinados meios, neste ponto particular não tem ligação com o conteúdo da mensagem evangelística. Meu propósito não é o de discutir esta

[70] N.T. Enquanto *en* se traduz por *in,* no inglês *eis* foi traduzido como *into.* No português não ocorre esta distinção, sendo ambas preposições traduzíveis por *em.*

[71] At 16:31.

[72] *Mt* 11:28.

questão agora; mesmo porque eu já o fiz em outra ocasião.[73] No presente não estou lhe pedindo para decidir, se você pensa que é verdade ou não que Cristo morreu com o propósito de salvar cada ser humano individualmente no passado, no presente e no futuro. Nem tão pouco tenho a pretensão de convidá-lo para mudar de opinião sobre esta questão agora, se é que você já não o fez. Só o que quero dizer aqui é que, mesmo que você pense que a afirmação acima é verdadeira, sua apresentação de Cristo, na evangelização, não deve diferir daquela de uma pessoa que pensa que ela é falsa.

O que quero dizer é o seguinte. É óbvio que, se um pregador acha que a afirmação: "Cristo morreu por cada um de vocês", feita a uma congregação, não é verificável, e provavelmente nem verdadeira, ele deveria tomar o cuidado para não declarar isso na sua pregação evangelística. Você não encontrará afirmações como esta, por exemplo, nos sermões de um George Whitefield ou Charles Spurgeon. Agora porém, o ponto que eu gostaria de frisar aqui é que, mesmo que a pessoa pense que esta declaração seria verdadeira, não é algo que ele sempre precise dizer, ou sempre tenha motivo para mancioná-la quando pregar o evangelho. Pois pregar o evangelho, como acabamos de ver, significa convidar os pecadores a virem até Jesus Cristo, o Salvador vivo, que, em virtude de sua morte

[73] Cof. introdução de minha autoria à reedição de 1959 de *The Death of Death in the Death of Christ (* A Morte da Morte na Morte de Cristo) de João Owen. Esta obra de Owen é uma em discussão clássica da complexidade das questões envolvidas em torno da polêmica da "expiação limitada". A temática central não diz respeito ao valor da expiação, considerada em si mesma, nem à disponibilidade de Cristo àqueles que confiariam nele como o seu Salvador. Todos concordam que não se pode estabelecer nenhum limite ao valor intrínseco da morte de Cristo, e que Cristo jamais rejeita aqueles que se dirigem a ele. A controvérsia gira em torno da questão, se a intenção do Pai e do Filho na grande transação do Calvário foi de salvar mais do que àqueles que na realidade já estão salvos. Não há espaço aqui para entrarmos no mérito desta intrincada questão; e, em todos os casos, não há nada no texto que, de uma forma ou de outra, dependesse da resposta que possamos dar a essa questão.

expiatória, está em condições de perdoar e salvar todos aqueles que depositam a sua confiança nele. O que é preciso que se diga a respeito da cruz, sempre que pregarmos o evangelho, é simplesmente que a morte de Cristo é a razão pela qual nos é dado o perdão de Cristo. E isso é tudo o que precisa ser dito. A questão da extensão designada da expiação não tem absolutamente nada a ver com a história.

O fato é que o Novo Testamento nunca chama ninguém ao arrependimento, por ter Cristo morrido específica e particularmente por ele. O fundamento sobre o qual o Novo Testamento convida os pecadores a depositarem a sua fé em Cristo é simplesmente o fato de que eles necessitam dele, que ele se oferece a si mesmo a eles, e que aqueles que o recebem têm a garantia de usufruir de todos os benefícios que a sua morte assegura para o seu povo. O que é universal e abrangente no Novo Testamento é o convite à fé e à promessa de salvação a todo aquele que crê.[74]

Nosso trabalho na evmgelização é reproduzir, da forma mais fiel possível, a ênfase do Novo Testamento. O que será sempre errado é tentar ir além do Novo Testamento, distorcer o seu ponto de vista ou mudar sua ênfase. Por isso – valendo-nos neste ponto das palavras de James Denney – "nem sequer nos passa pela cabeça separar a obra (de Cristo) daquele que a realizou. O Novo Testamento conhece apenas um Cristo vivo, e toda a pregação apostólica do evangelho apresenta o Cristo vivo aos homens. Mas este Cristo vivo é o Cristo que morreu e jamais se deve pregar sobre ele de modo separado da sua morte e do seu poder reconciliador. *É o Cristo vivo, com o mérito da sua morte reconciliadora nele,* que é o tema principal da mensagem apostólica... A tarefa do evangelista é pregar sobre *"Cristo... em seu*

[74] Veja Mt 11.28 ss, 22.9; Lc 2.10 s, 12.8; Jo 1.12, 3.14 ss., 6.40, 54, 7.37, 11.26, 12.46; At 2.21, 10.43, 13.39; Rm 1.16, 3.22, 9.33, 10.4 ss; Gl 3.22; Tt 2.11; Ap 22.17; cf. Is 55.1.

caráter como o Crucificado."[75] Crer no evangelho não significa "crer que Cristo morreu pelos pecados de todos, e portanto pelos seus", e muito menos "crer que Cristo morreu somente pelos pecados de algumas pessoas e, portanto quem sabe até pelos seus." Crer no evangelho significa "crer no Senhor Jesus Cristo, que morreu pelos pecados, e agora se oferece a Si mesmo como o seu Salvador." Eis aí a mensagem que nós devemos levar para todo o mundo. Não temos o direito de pedir que as pessoas depositem a sua fé em uma visão qualquer sobre a extensão da expiação; nosso negócio é atrair a atenção das pessoas para o Cristo vivo e apelar para que elas confiem nele.

Foi pelo fato de os dois terem entendido isso, que João Wesley e George Whitefield podiam dar-se as mãos, no que diz respeito à evangelização, por mais divergentes que fossem quanto a extensão da expiação. Pois o ponto-de-vista que cada um tinha quanto a este assunto não interferia na sua pregação do evangelho. Ambos limitavam-se a pregar o evangelho exatamente como ele se encontra nas Escrituras: isto é, proclamar "o Cristo vivo, com o mérito da sua morte reconciliadora nele", oferecê-lo aos pecadores e convidar o perdido a vir até ele e, assim, encontrar vida.

4. Isso nos leva ao ingrediente final da mensagem do evangelho. O evangelho é um apelo à*fé e ao arrependimeizto.*

Todos aqueles que ouvem o evangelho são chamados por Deus para *se arrependerem e crerem.* "... Deus... notifica aos homens que todos, em toda parte, *se arrependam";* disse Paulo aos atenienses.[76] Quando seus ouvintes lhe perguntaram, o que é que eles deveriam fazer para "realizar as obras de Deus", nosso Senhor lhes respondeu: "A obra de Deus é esta: que *creiais* naquele que por ele foi enviado."[77] Em 1ª de João 3.23,

[75] *The Christian Doctrine of Reconciliation, (A* Doutrina Cristã da Reconciliação) p. 287, grifos do autor.

[76] At 17.30.

[77] Jo 6.29.

lemos: "Ora, o seu *mandamento* é este: que creiais em o nome de seu Filho, Jesus Cristo..." O arrependimento e a fé são apresentadas como questões de dever pelo mandamento direto de Deus, e portanto, toda falta de penitência e incredulidade são identificadas no Novo Testamento como pecados dos mais grav e ~Conforme indicamos acima, juntamente com estes mandamentos universais vão as promessas universais de salvação a todos quantos os obedecem. "Por meio de seu nome, *todo aquele que nele crê* recebe remissão dos pecados."[79] *"Aquele que* tem sede venha, e quem quiser, receba de graça a água da vida."[80] "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que *todo o que nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna."[81] Estas palavras representam promessas que Deus cumprirá enquanto o tempo durar.

É necessário dizer que a fé não é um mero sentimento otimista, e muito menos o arrependimento pode ser considerado um mero sentimento de lamentação ou de remorso. Tanto a fé quanto o arrependimento são ações, as quais envolvem o homem como um todo. A fé é mais do que apenas acreditar; ela é essencialmente o lançar-se e descansar e a confiança nas promessas de misericórdia que Cristo deu aos pecadores, e no Cristo que fez tais promessas. Semelhantemente, o arrependimento significa mais do que simplesmente entristecer-se pelo passado. Arrependimento representa uma mudança de opinião e de atitude, representa uma vida nova que nega a si mesmo e que serve ao Salvador, entronizado como rei, no lugar do seu próprio eu. A mera crença sem confiança e o mero remorso sem conversão, não salvam ninguém. "Até os demônios crêem e tremem."[82] "... mas a tristeza do mundo produz morte."[83]

---

[78] Cf. Lc 13.3, 5; 2Ts 2.2 ss.
[79] At 10.43.
[80] **Ap** 22.17.
[81] Jo 3.16.
[82] Tg 2.19.
[83] 2Co 7.10.

Dois aspectos a mais precisam ser destacados:

a) A exigência diz respeito tanto afé quanto *ao arrependimento*. Não basta tomar a decisão de dar as costas ao pecado, abrir mão de maus hábitos e tentar pôr em prática os ensinamentos de Cristo, tornando-se uma pessoa extremamente religiosa e fazendo todo o bem possível aos outros. Não há boa intenção, ou decisão, ou moralidade ou religiosidade que possa ser substituto eficiente para a fé. Martinho Lutero e João Wesley apresentavam todas estas características muito antes de terem tido fé. Se, entretanto, deve haver fé, deve existir um fundamento de conhecimento: uma pessoa necessariamente precisa conhecer a Cristo, ouvir falar a respeito da sua cruz e das suas promessas, antes que a salvação pela fé se torne uma possibilidade para ele. É necessário, portanto que destaquemos estas coisas na nossa apresentação do evangelho, se é que queremos levar os pecadores a abandonar toda a sua confiança em si mesmos, e confiar totalmente em Cristo e no poder do seu sangue remissor, a fim de torná-los aceitáveis diante de Deus. Pois a fé não é nada mais nada menos do que isso.

b) A exigência diz respeito tanto ao *arrependimento* quanto à fé. Não basta crer que o pecador só pode ser justificado e tornar-se aceitável através de Cristo e sua morte, e que a própria reputação de uma pessoa é suficiente para fazer cair mais de vinte vezes sobre ela a sentença de condenação de Deus, e que, à parte Cristo ela não tem qualquer esperança. O conhecimento do evangelho e a fé ortodoxa nele, absolutamente não são substitutos para o arrependimento. Se, entretanto, quisermos que haja arrependimento é preciso, repito, que necessariamente haja também uma base de conhecimento. Todo ser humano precisa ter conhecimento de que, como se coloca na primeira das noventa e cinco teses de Lutero "quando o nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, disse 'Arrependei-vos', ele estava apelando para que a vida toda dos crentes se tornasse uma vida de arrependimento"; e deve conhecer ainda as implica-

ções desse arrependimento. Mais do uma vez, Cristo chamou atenção deliberada para a necessidade de rompimento radical com o passado, como algo relacionado ao arrependimento. "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia, tome a sua cruz e siga-me... quem perder a vida por minha causa, esse (mas somente ele) a salvará."[84] "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida (isto é, coloca tudo isso decididamente em segundo plano de prioridade na sua vida), não pode ser meu *discípulo*.... todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu *discípulo*."[85] O arrependimento que Cristo exige do seu povo consiste em uma firme recusa a levantar qualquer objeção contra as reivindicações que ele possa fazer sobre as suas vidas. Nosso senhor sabia – e quem poderia saber melhor do que ele? – do enorme custo que os seus seguidores teriam que assumir a fim de permanecerem fiéis a esta recusa, e permitirem que ele agisse com eles à sua maneira, o tempo todo, e por isso ele desejava tanto que eles encarassem de frente todas as implicações de ser um discípulo e refletissem sobre elas, antes de se comprometerem com elas. Ele não desejava fazer discípulos que o seguissem sob falsos pretextos. Ele não tinha interesse algum em arregimentar vastas multidões de adeptos professos, que se dissipassem assim que ficassem sabendo o que segui-lo realmente exigiria deles. Portanto, precisamos dar igual destaque, em nossa própria apresentação do evangelho de Cristo, ao custo implícito de seguir a Cristo, e fazer com que os pecadores o encare de frente, antes de apressá-los a responderem à mensagem do perdão gratuito. Com toda homestidade, não devemos ocultar o fato de que perdão gratuito, em certo sentido, custará tudo; ou do contrário nossa evangelização torna-se um tipo de conto do vigário. E onde o conhecimento se torna ambíguo e

[84] Lc 9.23 ss.
[85] Lc 14.26, 33.

obscuro, e portanto um reconhecimento não realista das reais exigências que Cristo impõe, não pode haver arrependimento, e, portanto, também não pode haver salvação.

Eis aí o conteúdo da mensagem evangelística que fomos enviados para dar a conhecer ao mundo.

III. Qual o motivo para a evangelização?

Existem, de fato, duas razões que deveriam nos estimular permanentemente à evangelização. A primeira é o amor a Deus e a preocupação com a sua glória; a segunda, o amor ao homem e a preocupação com o seu bem-estar.

1. O ***primeiro*** motivo é primário e fundamental. A principal finalidade do homem é glorificar a Deus. O grande princípio de vida da Bíblia é: "fazei tudo para a glória de Deus."[86] Os homens devem glorificar a Deus obedecendo a sua palavra e cumprindo a sua vontade revelada. Semelhantemente o primeiro e maior mandamento é: "Amarás o Senhor, teu Deus."[87] Quando obedecemos aos seus mandamentos, estamos simplesmente demonstrando o nosso amor pelo Pai e pelo seu Filho, que nos amaram tão ricamente. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama;" disse o nosso Senhor.[88] "Porque este é o amor de Deus:", escreveu João, "que guardemos os seus mandamentos".[89] Agora, a evangelização é uma das atividades que tanto o Pai quanto o Filho nos mandaram cumprir. "E será ('é necessário', de acordo com Marcos) pregado este evangelho do reino," diz Cristo, "por todo o mundo, para testemunho a todas as nações."[90] E, antes da sua ascensão, Cristo encarregou os seus discípulos usando os seguintes termos categóricos: "Ide,..., fazei discípulos de todas as

[86] 1Co 10.31.
[87] Mt 22.37 ss.
[88] Jo 14.21.
[89] 1Jo 5.3.
[90] Mt 24.14; Mc 13.10.

nações ..." A este mandamento ele imediatamente acrescentou uma promessa abrangente: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século."[91] O alcance desta promessa nos mostra quão extenso é o campo de aplicação do mandamento ao qual ela está ligada. A frase "até à consumação do século" deixa claro que o "convosco", a quem a promessa foi dada, não se referia só e exclusivamente aos onze discípulos; esta promessa se estende a toda a Igreja Cristã, por toda a história, toda a comunidade da qual os onze eram, por assim dizer, os membros fundadores. Trata-se, portanto, de uma promessa que vale para nós não menos do que para eles, e uma promessa que, além de tudo, é também um grande conforto. Mas se a promessa se aplica a nós, então a comissão com a qual está associada deve estender-se igualmente a nós. A promessa foi dada para encorajar os onze, para que não fossem esmagados pelas dimensões e dificuldades do trabalho de evangelização mundial de que Cristo os encarregara. Se recebemos o privilégio de nos apropriar da promessa, então é igualmente nossa responsabilidade aceitar a comissão. O trabalho confiado aos onze é a tarefa permanente da Igreja. E, se é a tarefa da Igreja em geral, então é a sua tarefa e a minha tarefa em particular. Se, portanto, nós amamos a Deus e estamos preocupados em glorificá-lo, devemos obedecer ao seu mandamento de evangelizar.

Há outro aspecto ainda que precisamos considerar neste pensamento. Glorificamos a Deus pela evangelização não somente porque a evangelização é um ato de obediência, mas também porque na evangelização contamos a todo o mundo quão grandes coisas Deus fez para a salvação dos pecadores. Sempre que as suas obras poderosas da graça se tornam conhecidas, Deus é glorificado. O salmista nos exorta: "proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua gló-

[91] Mt **28.19** ss.

ria, entre todos os povos, as suas maravilhas."[92] Para um cristão, falar aos incrédulos sobre o Senhor Jesus Cristo e do seu poder salvador significa por si só, honrar e glorificar a Deus.

2. O segundo motivo que deveria nos predispor a uma evangelização assídua é o amor ao nosso próximo e o desejo de ver os outros seres humanos salvos. O desejo de ganhar os perdidos para Cristo deveria ser, e de fato é, a natural e espontânea decorrência do amor que está no coração de todos aqueles que já nasceram de novo. Nosso Senhor confirma a exigência, presente no Antigo Testamento, de amarmos ao nosso próximo, como a nós mesmos.[93] "Por isso, enquanto tivermos oportunidade," escreve Paulo, "façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé."[94] Que maior necessidade pode ter o ser humano do que a necessidade de conhecer a Cristo? Que bem maior podemos fazer a qualquer ser humano do que de lhe expor o conhecimento de Cristo? A medida em que realmente amamos ao nosso próximo como a nós mesmos, necessariamente desejaremos que ele desfrute da salvação que é tão preciosa para nós. Na verdade, isso não deveria ser algo em que deveríamos pensar, quanto mais discutir. O impulso para evangelizar deveria brotar espontaneamente em nós na medida em que reconhecemos a necessidade que o nosso próximo tem de Cristo.

Quem é o meu próximo? Quando o intérprete da lei, que se viu confrontado com a exigência do amor ao seu próximo, fez esta mesma indagação ao nosso Senhor, Jesus respondeu narrando a história do Bom Samaritano.[95] O que esta história ensina é simplesmente isto: todo ser humano que você encontrar e que esteja necessitado, é o seu próximo; Deus o colocou no seu caminho para que você possa ajudá-lo e o seu negócio é revelar-se como sendo o próximo dele, fazendo tudo o que es-

[92] Sl 96.2.
[93] Mc 12.31; Lc 10.27 ss.
[94] Gl 6.10.
[95] Lc 10.29 ss.

tiver ao seu alcance para suprir a necessidade dele, não importa qual seja. "Vai e procede tu de igual modo", disse o nosso Senhor ao intérprete da lei. E ele nos diz o mesmo. E o princípio se aplica a todas as formas de necessidade, tanto espirituais quanto materiais. De modo que, quando nos achamos em contato com homens e mulheres que estão sem Cristo e, assim encaram a morte espiritual, devemos considerá-los como nossos próximos, e perguntar-nos o que podemos fazer para tornar Cristo conhecido deles.

Devo enfatizar mais uma vez: se nós mesmos conhecemos algo do amor de Cristo por nós, e se sentimos um pouquinho de gratidão nos nossos corações pela graça que nos salvou da morte e do inferno, então esta atitude de compaixão e cuidado por nossos semelhantes espiritualmente necessitado deveria fluir de modo natural e espontâneo de dentro de nós. Foi em relação a uma evangelização agressiva que Paulo declarou que "o amor de Cristo nos constrange".[96] É uma coisa trágica e repulsiva quando os cristãos perdem o desejo, e tornam-se verdadeiramete relutantes, de compartilhar o conhecimento precioso que têm com os outros cuja necessidade é tão grande quanto a sua própria. Foi natural para André, depois de ter-se encontrado com o Messias, partir e falar ao seu irmão Simão, e a Filipe que correu levar as boas novas ao seu amigo Natanael.[97] Ninguém precisou dizer-lhes para fazer isso; eles o fizeram de forma natural e espontânea, da mesma forma como natural e espontânea uma pessoa compartilharia com a sua família e amigos qualquer outra novidade que a tivesse afetado fortemente. Existe algo de muito errado conosco se não consideramos natural nós mesmos agirmos desta maneira. É bom que tenhamos clareza sobre isso. Evangelizar é um grande privilégio; é uma coisa maravilhosa estar em condições de falar aos outros sobre o amor de Cristo, estando cientes de que não há nada de que eles

[96] 2Co 5.14.
[97] Jo 1.40 ss.

necessitam saber mais urgentemente, e não há nenhum conhecimento no mundo que possa lhes fazer um bem tão grande. Não temos, portanto, porque ser relutantes e tímidos na evangelização pessoal e individual. Pois deveríamos ficar felizes e contentes em fazê-lo. Não deveríamos buscar desculpas para fugir da nossa obrigação, quando se nos oferece uma oportunidade de conversar com os outros sobre o Senhor Jesus Cristo. Se nós nos pegamos fugindo desta responsabilidade e tentando evitá-la, temos que nos deparar com o fato de que, com isso, estamos cedendo ao pecado e a Satanás. Se (como acontece usualmente) é o medo de ser considerado anormal e ridículo, ou de perder a popularidade em certas rodas de amigos, que nos impede. É preciso que nos perguntemos, diante de Deus: Estas coisas devem nos impedir de amar ao nosso próximo? Se for uma falsa vergonha, que na verdade não é vergonha nenhuma, e sim orgulho mascarado, que impede a nossa língua de dar o testemunho cristão quando estamos com outras pessoas, precisamos fazer esta pergunta à nossa própria consciência: O que nos importa mais, afinal – a nossa reputação ou a salvação deles? Não podemos ser complacentes com essa gangrena de vaidade e covardia quando sondamos assim as nossas vidas na presença de Deus. O que precisamos fazer é solicitar a graça de verdadeiramente termos vergonha de nós mesmos, e orar para que possamos transbordar de tal forma do amor de Deus, que transbordemos de amor pelo nosso próximo e, dessa forma, achemos fácil, natural e prazeroso compartilhar com ele as boas novas de Cristo.

Espero, a esta altura, que esteja ficando claro para nós, como deveríamos considerar nossa responsabilidade evangelística. A evangelização não é a única tarefa que o Senhor nos deu, nem tão pouco é uma tarefa que todos são chamados a cumprir do mesmo modo. Não somos todos chamados para ser pregadores; não são dadas a todos as mesmas oportunidades ou habilidades comparáveis para lidar pessoalmente com homens e mulheres que necessitam de Cristo. Mas todos nós temos o

mesmo dever de evangelizar, do qual não temos como fugir sem ao mesmo tempo com isso deixar de amar a Deus e a nosso próximo. Para começar, todos nós podemos e devemos estar orando pela salvação de pessoas não convertidas, particularmente da nossa família, e entre os nossos amigos e colegas do dia a dia. Além do mais, precisamos aprender a reconhecer as oportunidades de evangelização que as nossas condições cotidianas oferecem, e sermos ousados no aproveitamento delas. O ser ousado faz parte da natureza do amor. Se você ama alguém, fica constantemente pensando na melhor coisa que pode fazer pela pessoa e como pode melhor agradá-la com tudo o que você planeja para ela. Se, no caso, amamos a Deus – Pai, Filho e Espírito – por tudo o que eles fizeram por nós, devemos reunir toda a nossa capacidade de iniciativa e empreendimento para extrair o máximo de proveito que pudermos de cada situação para a sua glória – e a principal maneira de fazer isso é de descobrir formas e meios de disseminar o evangelho, obedecendo ao mandamento divino de fazer discípulos por todos os lugares. Similarmente, se amamos nosso próximo, reuniremos toda a nossa capacidade de iniciativa e empreendimento para encontrar formas e meios de lhe fazer bem. E a principal maneira de lhe fazer algo de bom é compartilhar com ele o nosso conhecimento de Cristo. Assim, se amamos a Deus e ao nosso próximo, evangelizaremos e seremos ousados em nossa evangelização. Não nos perguntaremos com relutância quanto devemos fazer neste campo, como se evangelizar fosse uma tarefa desagradável e pesada. Não perguntaremos ansiosamente qual o mínimo de esforço que devemos fazer, em termos de evangelização, que agradará a Deus. Mas perguntaremos avidamente e com toda sinceridade pediremos para que ele nos mostre quanto podemos fazer para disseminar o conhecimento de Cristo entre os homens; e uma vez que estivermos cientes das nossas possibilidades, nos entregaremos de todo o coração a esta tarefa.

Há, contudo, mais um aspecto que necessita ser acrescentado a isso, para evitar que o que dissemos até aqui seja mal aplicado. Não podemos jamais esquecer que o espírito empreendedor que se exige da nossa parte na evangelização, refere-se ao empreendimento do amor: um empreendimento que emana de um interesse genuíno por todos aqueles que buscamos conquistar e de um cuidado autêntico pelo seu bem-estar, que se expressa em um respeito genuíno por eles e em uma amizade genuína. Algumas vezes encontramos um zelo caça escalpos na evangelização, tanto no púlpito quanto em nível pessoal, que acaba se tornando vergonhoso e até alarmante. É vergonhoso pelo fato de não estar refletindo amor e cuidado, nem o desejo de ajudar, mas antes arrogância, presunção e o prazer de exercer poder sobre a vida dos outros. É alarmante, porque acaba se expressando em um brutal esmurrar psicológico da pobre vítima, capaz de causar enormes danos às almas sensíveis e impressionáveis. Mas, se o amor inspira e regula o nosso trabalho evangelístico, nos aproximaremos das outras pessoas com um espírito diferente. Se nos preocupamos verdadeiramente com elas, e se o nosso coração verdadeiramente ama e teme a Deus, então procuraremos apresentar Cristo a elas de uma forma que seja, ao mesmo tempo, honrosa a ele e respeitosa a elas. Não devemos tentar violentar a personalidade de ninguém, ou explorar os seus pontos fracos, ou tratar com dureza seus sentimentos. O que, sim, tentaremos fazer é mostrar-lhes a realidade da nossa amizade e preocupação, compartilhando com elas o bem mais precioso que temos. Este espírito de amizade e preocupação acabará transparecendo em tudo o que nós lhes dissermos, quer seja do púlpito quer em particular, não importa quão drásticas e avassaladoras possam ser as verdades que nós lhes estivermos dizendo.

Há um livro clássico sobre evangelização pessoal de C. G. Trumbull, intitulado Taking Men ***Alive*** (Capturando os Homens Vivos). No terceiro capítulo deste livro, o autor nos conta a respeito de uma regra que o seu pai, H. C. Trumbull

estabeleceu para si mesmo, nesta matéria. Ele dizia o seguinte: "Toda vez que eu tenho oportunidade de eleger o assunto da conversa com outra pessoa, o tema dos temas (Cristo) terá um destaque especial no nosso meio, de modo que eu possa identificar qual a sua necessidade e, se possível, satisfazê-la." As palavras chaves aqui são: *"Toda vez que eu tenho oportunidade de eleger o assunto da conversa com outra pessoa"*. Elas nos lembram, primeiro, que tanto na evangelização pessoal quanto em todas as nossas relações com nossos semelhantes, devemos ser educados; e nos lembram, em segundo lugar, que a evangelização pessoal normalmente deve ser baseada na amizade. Normalmente você só terá o privilégio de escolher o assunto de conversação com o outro, depois que já tiver dado a si mesmo em amizade e estabelecido um relacionamento com ele, no qual ele sente que você o respeita, está interessado nele e o trata como um ser humano e não só como algum "caso". Com algumas pessoas, é possível que você estabeleça um relacionamento como este em cinco minutos, enquanto que com outras isso pode levar meses. Mas o princípio permanece o mesmo. O privilégio de falar de forma íntima com outra pessoa sobre o Senhor Jesus Cristo tem que ser conquistado, e você o conquista convencendo-o de que você é seu amigo e de fato se preocupa com ele. Por isso a conversa longa indiscriminada, a intromissão sem ser chamado na privacidade da alma de outras pessoas, a insistência insensível ou exposição das coisas de Deus a estranhos relutantes que estão mais desejosos de ir embora – este tipo de comportamento em que as personalidades fortes e loquazes têm muitas vezes recaído em nome da evangelização pessoal, deveria ser descartado como uma caricatura de evangelização pessoal. Poderíamos chamar isso mais apropriadamente de evangelização *impessoal!* Na verdade, a brutalidade deste tipo de comportamento desonra a Deus; mais ainda, ele gera um ressentimento e predispõe a pessoa contra o Cristo, cujos professos seguidores agem de forma tão condenável. A verdade é que a verdadeira evangelização

pessoal é muito custosa, porque ela exige de nós um relacionamento realmente pessoal com as outras pessoas. Nós temos que nos oferecer a nós mesmos em amizade honesta às pessoas, se quisermos que, algum dia, o nosso relacionamento com eles alcance o ponto em que tenhamos o privilégio de escolher o assunto e falar-lhes de Cristo, e podermos falar-lhes sobre as suas próprias necessidades espirituais, sem sermos nem maleducados nem ofensivos. Se você deseja praticar evangelização pessoal, então – e eu espero que você o faça – você deve orar pelo dom da amizade. Uma amizade genuína, em todos os casos, é a marca registrada daquele tipo de pessoa que está aprendendo a amar ao próximo como a si mesmo.

IV. Quais são os meios e os métodos que deveriam ser praticados na evangelização?

Há uma controvérsia hoje em dia em certos círculos evangélicos quanto aos métodos de evangelismo. Temos os que criticam e os que defendem o tipo de reunião evangelística que foi uma marca registrada da vida dos evangélicos ingleses e americanos ao longo de praticamente um século. Encontros desse tipo são bem conhecidos, pois eles são bastante característicos. Eles são intencionalmente organizados para serem vívidos e animados, na esperança de que todas aquelas pessoas que tenham pouco interesse pela mensagem cristã e que possam nunca ter entrado numa igreja cristã, possam achá-las atrativas. Tudo é bem planejado para criar uma atmosfera de calor humano, bom humor e alegria. Usualmente a reunião inclui bastante música – grupos de louvor, apresentações de solos, corais e hinos estimulantes cantados entusiasticamente. Dá-se grande ênfase à realidade da experiência cristã, tanto na seleção de hinos quanto nos testemunhos. O encontro culmina com um apelo para a decisão, seguida de um encontro posterior ou um tempo para aconselhamento pessoal, para se passar maiores instruções àqueles que tomaram ou desejam tomar uma decisão em resposta ao apelo.

As principais críticas feitas a este tipo de encontro – se é que ele se justifica totalmente, nós não nos aventuraríamos a dizer – são as seguintes. O seu ar agradável (é dito) é produzido pela irreverência. A tentativa de torná-las "válidas pelo entretenimento", tem a tendência de denegrir o senso da majestade de Deus, destruindo o espírito de adoração e banalizar as reflexões do ser humano acerca do seu Criador; e o que é pior, esta é a pior preparação possível dos convertidos em potencial para os cultos regulares de domingo nas igrejas das quais passarão a participar, se tudo correr bem. O supostamente inevitável glamour conferido à experiência cristã, através dos testemunhos, é algo irresponsável do ponto de vista pastoral, e dá uma falsa impressão romantizada do que é ser um cristão. Isso, somado à tendência viciar-se em prolongadas bajulações para induzir a decisão e ao uso deliberado de música sefutora para comover os sentimentos, tende a produzir "conversões" que não passam de simples comoções psicológicas e emocionais e que absolutamente não são fruto de uma convicção espiritual e renovação. O caráter ocasional desses encontros faz com que se torne inevitável que os apelos à decisão sejam muitas vezes feitos sem uma base instrutiva adequada quanto ao que a decisão envolve e custa, o que faz com que tais apelos não passem de um conto do vigário. O desejo de justificar os encontros por se colher uma grande safra de convertidos, pode predispor o pregador e os conselheiros a tentarem forçar as pessoas, por meio de impulsos por uma decisão prematura, antes delas terem entendido bem o que realmente está em jogo, e os convertidos gerados desta forma tendem a mostrar-se, no melhor das hipóteses, bastante raquíticos e, no pior das hipóteses, espúrios e, em todos os casos, pessoas endurecidas contra o evangelho. O segredo para se avançar na evangelização, dizem eles, está em romper completamente com este padrão de ação evangelística, desenvolver um novo paradigma (ou melhor ainda, resgatar o antigo modelo, que era praticado, antes deste tipo de encontro, ter se tornado o padrão), pelo qual a agência

evangelística passe a ser a igreja local, em vez de um grupo ou grupo representativo de igrejas, e os encontros evangelísticos encontrem o seu lugar entre os cultos das igrejas locais – um paradigma, no qual os cultos das igrejas locais, na verdade, funcionem continuamente como seus encontros evangelísticos.

A resposta que usualmente se dá é que, embora as atividades estigmatizadas certamente sejam verdadeiros abusos, os encontros evangelísticos do tipo padrão podem ser, e frequentemente são, organizados com o intuito de evitá-los. Tais reuniões, dizem, provaram a sua utilidade no passado; a experiência prova que Deus ainda as usa e ao que tudo indica, não existem razões suficientes para abandoná-las. Argumenta-se que, enquanto tantas igrejas das maiores denominações estão deixando de cumprir as suas responsabilidades evangelísticas, estes encontros podem ser a única oportunidade de apresentar o evangelho para grandes multidões de homens e mulheres. O caminho a seguir daqui para frente, portanto, defendem eles, não é o da abolição, mas o da reforma, onde quer que se possam identificar abusos.

A polêmica continua. Não há dúvida de que ela continuará viva entre nós por mais algum tempo no futuro. Não gostaria de entrar no mérito desta controvérsia aqui, mas antes, de ver o que há por trás dela. O que eu pretendo aqui é isolar o princípio-chave que deveria nos guiar em nossa avaliação, tanto deste, quanto de outros métodos de evangelização, que possam estar sendo aplicados ou propostos.

Qual é este princípio-chave? A linha de raciocínio, que seguimos abaixo, deverá esclarecê-lo.

Como vimos anteriormente, a evangelização é um ato de comunicação com vistas à conversão. Em última análise, portanto, há somente um ***meio*** de evangelização: que é o evangelho de Cristo, explicado e aplicado. A fé e o arrependimento, os dois elementos complementares de que consiste a conversão, acontecem em resposta ao evangelho. "... a fé vem pela

pregação", conta-nos Paulo, "e a pregação, pela palavra de Cristo",[98] ou como lemos em maiores detalhes na The New *English* Bible "a fé é despertada pela mensagem, e a mensagem que a desperta vem pela palavra de Cristo."

Mais uma vez, em última análise, existe um só agente da evangelização: é o Senhor Jesus Cristo. É Cristo mesmo que, por meio do seu Espírito Santo, capacita os seus servos a explicar a verdade do evangelho e aplicá-la de forma poderosa e eficaz; da mesma forma, como é o próprio Cristo que, por meio do seu Espírito Santo, abre o entendimento[99] e os corações[100] dos seres humanos, para que recebam o evangelho, atraíndo-os assim salvadoramente para si mesmo.[101] Paulo fala das suas realizações, como evangelista, como "aquelas (coisas) que Cristofez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras,... pelo poder do Espírito *Santo*".[102] Desde Agostinho tem sido frequentemente salientado que Cristo é o verdadeiro ministro dos sacramentos do evangelho e o celebrante humano simplesmente age como sua mão. É preciso que nós nos lembraremos sempre da verdade não menos fundamental de que é Cristo o verdadeiro ministro da palavra do evangelho, e que o pregador ou a testemunha humana age apenas como sua boca.

Assim, em última análise, há um só método de evangelização: o de explicação e aplicação fiel da mensagem do evangelho. Do que se implica – é este precisamente o princípio chave que estávamos perseguindo aqui – que a prova de fogo de qualquer estratégia ou técnica ou estilo de ação evangelística proposta só pode ser esta: será que isso está servindo, de fato, à palavra? Será que foi previsto para servir como meio para explicar o evangelho, de forma verdadeira e completa, e aplicá-lo de

[98] Rm 10.17.
[99] Lc 24.45.
[100] At 16.14.
[101] Jo 12.32.
[102] Rm 15.18 ss.

forma profunda e exata? Enquanto tiver sido assim previsto, será legítimo e estará certo; a partir do momento em que a ação tende a sobrepor e obscurecer as realidades da mensagem, e a embotar os limites de sua aplicação, passa a ser um ato ímpio e errado.

Analisemos mais a fundo este ponto. Ele significa que precisamos pôr em revista todos os nossos planos e práticas evangelísticas – nossas missões, reuniões e campanhas; nossos sermões, discursos e testemunhos; nossas reuniões, grandes ou pequenas e nossa apresentação do evangelho no tratamento pessoal; os folhetos que distribuímos, os livros que emprestamos, as cartas que escrevemos – e nos fazer as seguintes perguntas a respeito de cada uma dessas coisas: será que esta maneira de apresentar a Cristo foi prevista para deixar claro às pessoas que o evangelho é a palavra de Deus? Será que ela foi prevista para desviar a atenção do homem e de todas as coisas meramente humanas e fazê-la voltar-se para Deus e a sua verdade? Ou será que sua tendência é de desviar a atenção do Autor e autoridade da mensagem, para a pessoa e desempenho do mensageiro? Ela faz o evangelho soar como uma idéia humana, um brinquedo do pregador, ou uma revelação divina, diante da qual o próprio mensageiro humano fica amedrontado? Será que esta maneira de apresentar a Cristo cheira mais a esperteza e perícia humana? Será que a tendência é mais para a exaltação do homem? Ou ela antes incorpora a simplicidade honesta e sincera do mensageiro, cuja única e exclusiva preocupação é a de entregar sua mensagem, sem o mínimo interesse em chamar a atenção sobre si mesmo, e que deseja até, onde ele puder apagar a si mesmo e ocultar-se, por assim dizer, atrás da sua mensagem, pois seu maior temor é que os homens o admirem e aplaudam, quando deveriam estar se curvando e humilhando a si mesmos diante do poderoso Senhor, a quem ele representa?

Insisto em perguntar: será que esta maneira de apresentar a Cristo é planejada para promover, ou para impedir a obra da

palavra nas *mentes* humanas? Será que ela contribui para esclarecer o sentido da mensagem, ou será que ela a deixa mais enigmática e obscura, fechada hermeticamente em jargão religioso e fórmulas proféticas? Será que ela fará as pessoas pensar e refletir intensamente, refletindo intensamente sobre Deus e sobre si mesmos em relação a Deus? Ou será que a tendência é mais a de reprimir todo e qualquer pensamento, brincando exclusivamente com as emoções? Será que ela é planejada para mexer com a mente ou, antes, para pô-la para dormir? Seria esta forma de apresentar a Cristo uma tentativa de mover os homens pela força das emoções ou da verdade? Certamente não há nada de errado com as emoções; seria muito estranho uma pessoa deixar de se emocionar ao se converter. O que está errado é o tipo de apelo que se faz às emoções e o brincar com as emoções, que atromenta os sentimentos das pessoas ao invés de instruir as suas mentes.

Insisto: é preciso que nos perguntemos, esta forma de apresentar a Cristo é planejada para convencer as pessoas da *doutrina* do evangelho, e não só de partes dela mas toda ela – a verdade sobre o nosso Criador e suas reivindicações, e sobre nós mesmos como pecadores totalmente culpados, perdidos e sem esperança, carentes de um novo nascimento, e sobre o Filho de Deus que se tornou homem, morreu pelos pecados e vive para perdoar os pecadores e levá-los a Deus? Ou é apropriado que ela seja deficiente aqui, trate de meias verdades, faça as pessoas terem uma noção incompleta destas coisas, e passe depressa à exigência de fé e arrependimento, sem deixar claro do que é que elas deveriam se arrepender e, no que devem crer?

Insisto: temos que nos perguntar, esta forma de apresentar a Cristo é planejada para convencer as pessoas da *aplicação* do evangelho, não só de alguma parte dele, mas de todo ele – a convocação para que nos vejamos e conheçamos a nós mesmos; como Deus nos vê e conhece, isto é, como criaturas pecaminosas, e para encararmos a largura e profundidade da

necessidade a que um relacionamento errado com Deus nos levou e, finalmente, para encararmos também o custo e as conseqüências da conversão e aceitação de Cristo como Salvador e Senhor? Ou é apropriado que ela seja deficiente aqui, fazendo vistas grossas para algumas dessas coisas, dando uma impressão inadequada e distorcida do que o evangelho de fato exige de nós? Isso não deixará, por exemplo, as pessoas inconscientes de que elas têm a obrigação de dar uma resposta imediata a Cristo? Ou as deixará supor que tudo o que têm a fazer é confiar em Cristo como um carregador de pecados, sem se dar conta de que eles também têm que negar a si mesmos e entronizá-lo como o seu Senhor (erro que poderia ser chamado de "exclusivismo da fé")? Ou os deixará imaginando que tudo o que elas têm a fazer é consagrar-se a Cristo como o seu Mestre, deixando de se dar conta de que eles também têm que recebê-lo como o seu Salvador (erro que poderíamos chamar de "bom determinismo")? É preciso lembrar aqui que, do ponto de vista espiritual, é até mais perigoso para uma pessoa cuja consciência foi despertada, dar uma resposta erroneamente concebida ao evangelho, de partir para uma prática religiosa deficiente, do que não dar resposta alguma. Se você transformar um publicano em fariseu, você o estará colocando em condições piores e não melhores.

Insisto ainda uma vez: temos que nos perguntar, esta forma de apresentar a Cristo é concebida para transmitir a verdade do evangelho de uma maneira adequadamente ***séria?*** É concebida para fazer as pessoas sentirem que elas estão, de fato, diante de uma questão de vida ou de morte? É planejada para fazê-los ver e sentir a grandiosidade de Deus, as enormes dimensões do seu pecado e carência e a grandeza da graça de Cristo? É concebida para torná-los conscientes da tremenda majestade e santidade de Deus? Isto os ajudará a compreenderem que é uma coisa terrível cair nas suas mãos? Ou esta maneira de apresentar a Cristo é tão leve, circunstancial, confortável e divertida, que torna difícil aos ouvintes perceberem que

o evangelho é uma questão de alguma importância, e não um estimulante para os desajustes da vida? É um insulto grosseiro contra Deus e um verdadeiro desserviço aos homens, banalizar e trivializar o evangelho no momento da sua apresentação. Não é que tenhamos que assumir um ar de formalidade artificial ao falarmos das coisas espirituais; não há nada mais absolutamente fútil do que tentar simular seriedade e nada melhor para tornar os nossos ouvintes em hipócritas. O que é preciso é o seguinte: que nós, que devemos falar por Cristo, devemos orar constantemente para que Deus ponha e mantenha nos nossos corações uma consciência clara da sua grandeza e glória, da alegria da comunhão com ele, e de como é terrível passar o tempo e a eternidade sem ele; para que Deus nos capacite a falar de maneira honesta, direta, e precisa, como nos sentimos acerca destes assuntos. Assim sendo, seremos realmente espontâneos na apresentação do evangelho – ao mesmo tempo que verdadeiramente sérios.

É fazendo perguntas deste tipo que devemos testar e, onde for necessário, reformar os nossos métodos teológicos. O princípio básico é que o melhor método de evangelização é aquele que serve de forma mais integral ao evangelho. É o que fornece o testemunho mais evidente da origem divina da mensagem, e do caráter de vida ou morte dos temas que ele levanta. É aquele que possibilita a mais completa e perfeita explanação das boas novas de Cristo e da sua cruz, e a aplicação mais exata e crítica das mesmas. É a que mais eficazmente engaja as mentes daqueles a quem se dirige o testemunho, conscientizando-o de maneira mais viva de que o evangelho é a palavra de Deus, endereçada pessoalmente a eles em seus contextos particulares. Qual é o melhor método em cada caso particular, nós teremos que descobrir por nós mesmos. É à luz deste princípio que todos os debates sobre métodos evangelísticos necessitam ser decididos. Mas vamos deixar esse assunto como está, por hora.

Capitulo IV
SOBERANIA DIVINA E EVANGELIZAÇÃO

Começaremos esta parte final resumindo o que temos aprendido acerca da evangelização até aqui.

A evangelização, conforme estudamos, é uma incumbência que Deus atribuiu a todo o seu povo, em toda parte. Trata-se da tarefa de comunicar a mensagem do Criador a toda uma humanidade rebelde. A mensagem começa com informações e termina com um convite. A informação diz respeito à obra de Deus em tornar o seu Filho um Salvador perfeito para os pecadores. O convite é a convocação de Deus à humanidade em geral para vir ao Salvador e encontrar vida. Deus ordena a todas as pessoas, em toda parte, a arrependerem-se, e promete perdão e restauração a todos quantos de fato obedecerem. O cristão é enviado para o mundo como arauto de Deus e embaixador de Cristo, para difundir esta mensagem o máxiíno que puder. Além de um dever seu (pois Deus o manda, e porque o amor ao próximo o exige), este é um privilégio para ele (pois é grande coisa falar em favor de Deus e levar até o nosso próximo o remédio – o único remédio – capaz de salvá-lo dos terrores da morte espiritual). Nossa tarefa, então, é abordar os nossos semelhantes e contar-lhes a respeito do evangelho de Cristo e tentar, por todos os meios, deixá-lo claro para eles; remover, da melhor forma de que pudermos, quaisquer dificuldades que eles possam achar nele, impressioná-los com a seriedade do assunto e apressá-los a darem uma resposta a ele. Esta é

nossa responsabilidade permanente; é uma parte fundamental da nossa vocação cristã.

Mas agora chegamos à questão que nos têm perseguindo desde o começo. Mas onde entra a nossa fé na soberania de Deus em tudo isso?

Como vimos anteriormente, a soberania divina é um dos lados de duas verdades que formam um antinômio no pensamento bíblico. O Deus da Bíblia é tanto Senhor quanto Legislador no seu mundo; ele é, tanto o Rei dos homens, quanto o seu Juiz. Conseqüentemente, se quisermos ser bíblicos na nossa visão, devemos abrir espaço nas nossas mentes para os pensamentos sobre a soberania divina e sobre a responsabilidade dos homens, postos lado a lado. Não há dúvida de que o homem é responsável diante de Deus, pois Deus é o Legislador que fixa os seus deveres, e o Juiz que cobra se ele os cumpriu ou não. Deus é indubitavelmente soberano sobre o homem, pois ele controla e ordena todas as ações humanas, como igualmente ele controla e ordena tudo em seu universo. A responsabilidade do homem pelos seus atos e a soberania de Deus em relação estes mesmos atos são, assim, como vimos anteriormente, igualmente reais e definitivos.

O apóstolo Paulo nos força a notar este antinômio, quando fala da vontade de Deus *(thelema)* associada a ambas estas aparentemente incompatíveis relações do Criador com as suas criaturas humanas, e aquela dentro dos limites de uma única breve epístola. Nos capítulos cinco e seis de Efésios, ele deseja que os seus leitores sejam encontrados procurando "compreender qual a *vontade* do Senhor" *(5.17)* e "fazendo, de coração, a *vontade* de Deus" *(6.6)*. Esta é a vontade de Deus como Legislador, a vontade de Deus que o homem deve conhecer e obedecer. Neste mesmo sentido, Paulo escreve aos tessalonicenses: "Pois esta é a *vontade* de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição."[103] Entretanto, no primeiro capítulo de Efésios, Paulo diz que Deus o elegeu e aos seus irmãos cris-

[103] 1Ts 4.3; cf. Mt 7.21; 12.50; Jo 7.17; 1Jo 2.17, etc.

tãos em Cristo, antes mesmo do começo do mundo "segundo o beneplácito da sua vontade" (v.5). Ele chama atenção para a intenção de Deus de convergir todas as coisas em Cristo no fim do mundo "o mistério da sua vontade" (v.9); e ele se refere ao próprio Deus como aquele "que fez todas as cousas conforme o conselho da sua vontade" (v.11). A "vontade" de Deus representa claramente aqui o seu propósito eterno de controlar as suas criaturas, a sua vontade, como Senhor soberano do mundo. Esta é a vontade que Deus realmente cumpre em e por meio de tudo o que realmente ocorre – até mesmo a transgressão da sua lei por parte do homem.[104] Antigamente a teologia distinguia entre a vontade de Deus como preceito e sua vontade como propósito, sendo que a primeira é sua declaração publicada do que o homem deve fazer, e a segunda, (basicamente secreta) sua decisão quanto ao que ele mesmo fará. A distinção é entre a lei de Deus e seu plano. A primeira diz ao homem o que ele deve ser; a segunda estabelece o que ele há de ser. Ambos os aspectos da vontade de Deus são fatos, embora a forma como eles se relacionam na mente de Deus seja inescrutável para nós. Eis aí uma das razões porque nós nos referimos a Deus como um ser incompreensível.

Nossa questão agora é: supondo que todas as coisas de fato aconteçam sob o domínio direto de Deus, e que Deus já determinou o futuro pelo seu decreto, e já decidiu quem será salvo, e quem não – como isto se relaciona com nosso dever de evangelizar?

Esta é uma questão que preocupa muitos cristãos evangélicos de hoje. Há os que chegaram a crer na soberania de Deus de forma incondicional e inflexível, pela qual (a nosso ver) a Bíblia a apresenta. Estes estão se perguntando agora, se não há alguma maneira pela qual eles possam e devam dar testemunho desta fé, mudando as práticas evangelísticas herdadas de uma geração que seguia outras convicções. Estes métodos, dizem eles, foram inventados por pessoas que não criam o mes-

[104] Veja por ex., Gn 45.5 ss; 50.20. O *thelema* de Deus também é mencionado neste sentido em Rm 1.10; 15.32; Ap 4.2, etc.

mo que nós quanto à soberania absoluta de Deus na salvação; isto já não é em si mesmo razão suficiente para nos recusarmos a usá-los? Outros ainda, que nem sequer interpretam a doutrina da soberania divina da mesma forma como nós, e nem a levam tão a sério assim, temem que este novo interesse em se voltar a crer inteiramente nela, significará a morte da evangelização; pois eles supõem que isto implicaria em minar todo o senso de urgência na ação cvangelística. Satanás, é claro, fará de tudo para impedir a evangelização e dividir os cristãos; assim, ele tenta o primeiro grupo a tornarem-se inibidos e cínicos em relação a todos os esforços evangelísticos atuais, e o segundo grupo a perder a cabeça e tornar-se aterrorizado e alarmista, e ambos a tornarem-se justos a seus próprios olhos, desagradáveis e presunçosos, como criticam uns aos outros. Ambos os grupos, ao que parece, têm urgente necessidade de se tornarem vigilantes contra as astúcias do diabo.

A questão, portanto, é urgente. Foi a própria Bíblia que a levantou quando ensinou o antinômio do duplo relacionamento com o homem; e nós olharemos agora para a Bíblia, para resolvê-la.

A solução bíblica pode ser expressa em duas proposições, uma negativa e outra positiva:

1. A graça soberana de Deus não compromete nada do que temos dito sobre a natureza e o dever de evangelização.

O princípio operante aqui é que a regra do nosso dever e a medida da nossa responsabilidade encontra-se na vontade de Deus revelada como preceito, e não na sua vontade oculta sobre o evento. Somos chamados para ordenar as nossas vidas por meio da luz da sua lei, e não por nossas próprias elucubrações sobre o seu plano. Moisés estabeleceu este princípio quando acabou de ensinar a Israel sobre a lei, os perigos e as promessas do Senhor. "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós... para que cumpramos todas as palavras desta lei."[105] As coisas que Deus tem

[105] Dt 29.29.

o prazer de guardar para si mesmo (a quantidade e identidade dos eleitos, por exemplo, quando e como ele pretende converter a quem) não tem implicações sobre qualquer obrigação do homem. Elas não são de modo algum relevantes para a interpretação de alguma parte da lei de Deus. Já o mandamento de evangelizar, este sim, faz parte da lei de Deus. Ele pertence à vontade revelada por Deus para o seu povo. Então, em princípio, ele não poderia ser afetado, no menor grau, por qualquer coisa que possamos crer acerca da soberania de Deus na eleição e chamada. Podemos muito bem crer que (nas palavras do Artigo XVII da Igreja da Inglaterra) Deus "decretou constantemente (isto é, firmemente, decididamente), por seu conselho secreto a nós, livrar da maldição e da condenação todos aqueles que ele escolheu em Cristo dentre a humanidade, e conduzí-los, por meio de Cristo, à salvação eterna, como vasos feitos para honra." Acontece que isso não nos ajuda a determinar a natureza do trabalho evangelístico, nem afeta nosso dever de evangelizar universal e indiscriminadamente. A doutrina da soberania de Deus em graça não está absolutamente relacionada com estas coisas.

Por isso podemos dizer o seguinte:

a. A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a *necessidade* de evangelização. *O* que quer que possamos crer sobre a eleição, permanece o fato de que a evangelização é necessária, porque nenhum ser humano pode ser salvo sem o evangelho. "Pois não há distinção entre judeu e grego", proclama Paulo; "uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor (Jesus Cristo) será salvo." Sim; mas não será salvo ninguém que não invoque o nome do Senhor, e algumas coisas devem acontecer antes que qualquer homem seja capaz de fazer isso. Assim Paulo continua: "Como, porém, invocarão aquele em quem não *creram?* E como crerão naquele de quem nada *ouviram?* E como ouvirão, se não há quem *pregue*?"[106] Alguém precisa falar-lhes de Cristo antes de pode-

[106] Rm 10.12 **ss.**

rem confiar nele, e eles precisam confiar nele antes de poderem ser salvos por ele. A salvação depende da fé, e a fé depende de conhecer o evangelho. A forma como Deus salva os pecadores é trazê-los à fé através do contato com o evangelho. Na ordem das coisas de Deus, portanto, a evangelização é uma necessidade, se alguém deve ser salvo afinal.

Devemos compreender, portanto, que quando Deus nos envia para evangelizar, ele nos envia para atuar como elos vitais na corrente do seu propósito para a salvação dos seus eleitos. O fato de que ele tem um propósito como este, e que se trata (assim acreditamos) de um propósito soberano que não pode ser frustrado, isso não implica em que, no final das contas, a nossa evangelização não seja necessária para o seu cumprimento. Na parábola do nosso Senhor, o modo como o casamento foi suprido com convidados, foi por meio da ação dos servos do rei que saíram, conforme ordenados, para as ruas, e convidaram para entrar todos aqueles que encontraram lá. A medida que ouviam o convite, os transeuntes compareciam.[107] É da mesma forma e por meio de uma ação similar da parte dos servos de Deus, que os eleitos obterão a salvação que o Redentor ganhou para eles.

b. A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a urgência da evangelização. O que quer que creiamos acerca da eleição, permanece o fato de que os seres humanos, que não tem Cristo, estão perdidos e vão para o inferno (perdoem-me o uso desta expressão tão desgastada: eu a estou usando porque é isso mesmo que quero dizer). "Se, porém, não vos arrependerdes", disse o nosso Senhor à multidão, "todos igualmente *perecereis*...."[108] E nós que pertencemos a Cristo, somos enviados para falar-lhes daquele – o único Ser – capaz de salvá-los da morte. Esta necessidade deles não é urgente? Em caso positivo, isso não torna a evangelização um assunto urgentíssimo para nós? Se você soubesse que um homem esta-

[107] Mt 22.1 ss.
[108] Lc 13.3, 5.

va dormindo em um edifício em chamas, não consideraria uma questão de máxima urgência tentar chegar até ele, acordá-lo e tirá-lo de lá? O mundo está repleto de pessoas que não têm a mínima noção de que estão sob a ira de Deus: não é uma questão de similar urgência irmos até eles, tentar levantá-los e mostrar-lhes o caminho de saída?

Não devemos ser impedidos pelo pensamento de que, se eles não são eleitos, eles não irão crer em nós e todos os nossos esforços por convertê-los acabarão falhando. Isso é verdade; mas não é problema nosso e não deveria fazer nenhuma diferença para a nossa forma de agir. Em primeiro lugar, é sempre errado abster-se de fazer o bem por medo de que isso poderia não ser apreciado. Em segundo lugar, os não-eleitos neste mundo são pessoas sem rosto no que diz respeito a nós. Nós sabemos que eles existem, mas não sabemos e não temos como saber quem eles são, e seria tão fútil quanto é impiedoso para nós tentar adivinhar. A identidade dos réprobos é uma das "coisas secretas" de Deus sobre os quais o seu povo não deve fazer especulações. Em terceiro lugar, o nosso chamado como cristãos não é para amar os eleitos por Deus, e somente a eles, mas de amar ao nosso próximo sem levar em consideração se ele é um eleito ou não. Agora, a natureza do amor é fazer o bem e aliviar o necessitado. Se, então, o nosso próximo não é convertido, devemos mostrar amor a ele o melhor que pudermos, buscando compartilhar com ele as boas novas sem as quais ele terá que perecer. Por isso encontramos Paulo avisando e ensinando a "todos os homens",[109] e não meramente porque ele era um apóstolo, mas porque todos os homens eram os seus próximos. E a medida da urgência do nosso trabalho evangelístico é a grandeza da necessidade do nosso próximo e o perigo tão imediato em que ele se encontra.

c. A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a sinceridade dos convites presentes nos evangelhos ou a verdade das promessas do evangelho. Não importa o que quer que

[109] Cl 1.28,

creiamos sobre a eleição e, no que diz respeito à extensão da expiação, permanece o fato de que Deus realmente oferece a Cristo no evangelho e promete justificação e vida a "todos aqueles que quiserem." "*Todo* aquele que invocar o nome do Senhor será salvo."[110] Da mesma forma como Deus ordena que todos os homens em toda parte se arrependam, Deus também convida todos os homens de todos os lugares a vir a Cristo e encontrar misericórdia. O convite dirige-se somente a pecadores, mas para todos os pecadores sem exceção; não é somente para pecadores de um certo tipo, pecadores reformados ou pecadores cujos corações foram preparados por uma dose mínima de tristeza pelo pecado; mas para pecadores como tais, da forma como são. Como o expressa este hino:

> "Não permita que a sua consciência o faça hesitar,
> Nem que te faça sonhar apaixonadamente com a perfeição
> Pois a única perfeição que ele requer,
> É o sentir sua perfeita necessidade dele."[111]

O fato de que o convite do evangelho é livre e ilimitado – "pecadores Jesus irá receber" – "venha e dê as boas-vindas a Jesus Cristo"[112] – representa a glória do evangelho, como uma revelação da graça divina.

Há um momento grandioso no culto da Santa Comunhão na Igreja da Inglaterra, em que o ministro profere as "palavras de conforto." Primeiro, a congregação confessa seus pecados a Deus, numa linguagem extremamente forte ("nossos inúmeros pecados e maldade... provocando a sua mais justa ira... o fardo deles é intolerável. Tenha misericórdia de nós, tenha misericórdia de nós..."). Em seguida, o ministro volta-se para o povo e lhes proclama as promessas de Deus.

"Ouçam que palavras reconfortantes o nosso Salvador Cristo diz a todos aqueles que verdadeiramente se voltam para ele:

---

[110] Rm 10.13.

[111] Hino de Joseph Hart *Come, ye sinners (Christian Praise), 196).* Este hino é uma maravilhosa declamação do convite presente nos evangelhos.

[112] Título de um livro de John Bunyan.

'Vinde a mim, todos *os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.'*

'Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo *o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.'*

E ouçam ainda o que diz São Paulo:

'Fiel é a palavra e digna de toda *aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.'*

Ouçam também o que diz São João:

'Se, todavia, alguém *pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados.'"*[113]

Por que estas palavras são "confortantes"? Porque são palavras de Deus e todas elas são verdadeiras. Elas representam a essência do evangelho. Elas são as promessas e garantias nas quais os cristãos que comparecem à Mesa do Senhor devem confiar. Elas são as palavras confirmadas pelos sacramentos. Atente para elas com cuidado. Observe a sua *substância.* O objeto de fé que eles apresentam não é mera ortodoxia, nem mera verdade sobre a morte expiatória de Cristo. Não é nada menos do que isso, mas é mais do que isso. Trata-se do próprio Cristo Vivo, o Salvador perfeito dos pecadores, que carrega em si mesmo todas as virtudes da sua obra consumada na cruz. "Vinde *a mim*... Ele é a propiciação pelos nossos pecados". Estas promessas orientam a nossa confiança não para a crucificação em si mesmo, mas para o Cristo crucificado; não para a sua obra tida como algo abstrato, mas àquele que a realizou. E note, em segundo lugar, a *universalidade* destas promessas. Elas oferecem Cristo a *todos* aqueles que necessitam dele, *todos* aqueles "que verdadeiramente se voltam para ele", *qualquer ser humano* que tenha pecado. Nenhum deles é excluído da misericórdia de Deus, exceto aqueles que se excluem a si mesmos, devido à sua impenitência e incredulidade.

[113] Mt 11.28; Jo 3.16; 1Tm 1.15; 1Jo 2.1; grifos meus.

Algumas pessoas têm medo de que uma doutrina da eleição eterna e da reprovação envolva a possibilidade de que Cristo não receba alguns dos que desejam recebê-lo, porque eles não são eleitos. As "palavras confortantes" das promessas do evangelho, entretanto, excluem inteiramente esta possibilidade. Como o nosso Senhor afirmou em outro lugar, com palavras tão enfáticas e categóricas: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, *de modo nenhum* o lançarei fora."[114]

É verdade que Deus elegeu aqueles a quem ele salvará, desde toda a eternidade. É verdade que Cristo veio especificamente para salvar aqueles que o Pai lhe deu. Mas não é menos verdade que Cristo oferece a si mesmo livremente a todos os homens como o seu Salvador, e garante levar para a glória todos aqueles que confiam nele como tal. Veja de que forma maravilhosa ele mesmo, deliberadamente, coloca estes dois pensamentos, lado a lado, na seguinte passagem:

"Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca *de todos os que me deu;* pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que *todo homem que vir o Filho e nele crer* tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia."[115] "Todos os que me deu" – eis aqui a missão salvadora de Cristo definida em termos de toda a companhia dos eleitos, a quem ele veio especificamente salvar. "Todo homem que vir o Filho e nele crer" – eis aqui a missão salvadora de Cristo definida em termos de toda a companhia da humanidade perdida, a quem ele oferece a si mesmo sem distinção, e a quem ele irá certamente salvar, se eles crerem. As duas verdades permanecem lado a lado nestes versículos e é justamente assim que devem permanecer. Elas andam juntas. Elas andam de mãos dadas. Nenhuma lança qualquer dúvida quanto à verdade da outra. Nenhuma deve encher as nossas mentes para a exclusão da outra. Cristo quer dizer exata-

[114] Jo 6.37.
[115] Jo 6.38 ss.

mente o que ele diz, não menos do que isso quando ele promete salvar todos aqueles que confian nele, do que quando ele promete salvar todos aqueles que o Pai lhe deu.

Assim, John Owen, o Puritano, que escreveu em defesa tanto da eleição incondicional quanto da expiação limitada, está em condições – na verdade constrangido a dirigir-se aos não convertidos nos seguintes termos:

> "Considere a condescendência e o amor infinito de Cristo nos seus convites e chamados para vocês virem até ele para receber vida, libertação, misericórdia, graça, paz e salvação eterna... Na declaração e pregação dessas coisas, Jesus Cristo ainda se apresenta aos pecadores, chamando, convidando e encorajando-os a virem até ele.
>
> Eis aí uma parte da palavra que ele está lhes dizendo agora: Por que é que vocês irão morrer? Por que é que perecerão? Por que vocês não querem ter compaixão de suas próprias almas? Será que seus corações poderão suportar, ou será que as suas mãos serão suficientemente fortes, no dia da ira que se está aproximando? .... Olhem para mim e sejam salvos; venham até mim, e eu os libertarei de todos os seus pecados, sofrimentos, medos, fardos e darei descanso às suas almas. Venham, eu rogo a vocês; coloquem de lado todas as procrastinações, todos os adiamentos; não me rejeitem mais; a eternidade está batendo à porta... não me odeiem tanto a ponto do perecerem como se preferissem morrer, a aceitar serem por mim libertados.
>
> O Senhor Jesus Cristo continuamente declara, proclama, pleiteia e recomenda estas e outras coisas semelhantes perante as almas dos pecadores.... Ele o faz na pregação da palavra, como se ele estivesse presente com vocês, em pé no meio de vocês e estivesse falando pessoalmente a cada um de vocês... Ele nomeou os ministros do evangelho para se apresentarem diante de você e para tratar com vocês em seu lugar, reconhecendo como seu próprio os convites que são feitos no seu nome (2Co 5.19,20)."[116]

É isso mesmo. Os convites da parte de Cristo são palavras de Deus. Eles são verdadeiros. Eles querem dizer isso mesmo. Eles são convites autênticos. Eles devem ser impostos aos não

[116] De The Glory of God, (Works org. W. Goold, 1850, I. 422)

convertidos como são. Nada do que possamos crer sobre a soberania de Deus em graça pode fazer qualquer diferença nisto.

4. A crença de que Deus é soberano em graça não afeta a *responsabilidade do pecador* por sua reação ao evangelho. Não importa o que possamos crer sobre a eleição, continua valendo o fato de que um homem que rejeita a Cristo torna-se, por meio dela, a causa da sua própria condenação. A incredulidade na Bíblia representa algo culposo e os incrédulos não podem desculpar-se a si mesmo com base no fato de não serem eleitos. Foi realmente oferecida a vida no evangelho ao incrédulo, e poderia tê-la se assim o desejasse. Ele, e ninguém senão ele, é responsável pelo fato de o ter rejeitado e deve agora assumir as conseqüências desta rejeição. "Em toda parte nas Escrituras", escreve o bispo J. C. Ryle, " há um princípio supremo de que o homem pode perder a sua própria alma, e se ele está perdido será por sua própria culpa, e o seu sangue cairá sobre a sua própria cabeça. A mesma Bíblia inspirada que revela esta doutrina da eleição é a Bíblia que contém as palavras: "Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?" – "Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida." – "O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más." (Ez 18.31; Jo 5.40; 3.19). A Bíblia jamais fala que os pecadores não obtêm o céu porque eles não são eleitos, mas porque eles "rejeitaram a grande salvação", e porque eles não querem se arrepender e crer. O juízo final irá provar abundantemente que não é devido à falta da eleição de Deus, mas muito antes a displicência, o amor pelo pecado, a incredulidade e a falta de vontade de vir a Cristo, que arruina as almas que estão perdidas."[117]

Deus dá aos homens o que eles mesmos escolhem, e não o contrário daquilo que escolhem. Aqueles que escolhem a mor-

[117] Old *Paths,* **p.** 468.

te, portanto, só podem agradecer a si mesmos de que Deus não lhes dê a vida. A doutrina da soberania divina não afeta a situação de forma alguma.

Isso é que podemos dizer quanto à primeira e negativa proposição. A segunda é positiva.

2. A *soberania de Deus em graça nos fornece a única esperança de sucesso na evangelização.* Algumas pessoas têm medo de que a crença na soberana graça de Deus leve à conclusão de que a evangelização é inútil, visto que Deus salvará os seus eleitos de qualquer jeito, quer eles ouçam falar do evangelho ou não. Como vimos anteriormente, esta é uma conclusão falsa, baseada em uma falsa suposição. Mas agora, temos que ir mais além e destacar que a verdade é exatamente o contrário. Assim, longe de tornar sem sentido a evangelização, a soberania de Deus em graça é a única coisa que a previne de ser sem sentido. Pois ela cria a possibilidade – ou melhor até, a certeza – de que a evangelização será frutífera. A parte dela não existiria nem sequer uma só possibilidade da evangelização dar frutos. Se não fosse pela graça soberana de Deus, a evangelização seria o empreendimento mais fútil e inútil que o mundo jamais viu, e não haveria perda de tempo mais completa sob o sol do que a pregação do evangelho cristão.

E por que isso é assim? Por causa da incapacidade espiritual do homem no pecado. Deixemos que Paulo, o maior de todos os evangelistas, explique isso para nós.

O homem caído, diz Paulo, tem uma mente obscurecida, sendo assim incapaz de entender a verdade espiritual. "Ora, o homem natural (não espiritual, não regenerado) não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente."[118] Repetimos, ele tem uma natureza perversa e incrédula. "Por isso, o pendor da carne (do homem não regeneraáo) é inimiza-

[118] 1Co 2.14.

de contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar." A conseqüência? "Os que estão na carne não podem agradar a Deus."[119] Em ambas as passagens acima, Paulo faz duas declarações distintas sobre o homem caído em relação à verdade de Deus e a progressão do pensamento é paralela em ambos os casos. Primeiro, Paulo declara o fracasso do homem não regenerado como sendo um fato consumado. Ele "não aceita as coisas do Espírito de Deus"; ele "não está sujeito à lei de Deus". Mas logo em seguida, Paulo continua interpretando a sua primeira declaração com uma segunda, explicando que é este fracasso que uma necessidade da natureza, algo certo, inevitável, universal e inalterável, somente porque o homem não tem o poder em si mesmo de agir de outra forma, se não, fracassar deste modo. "E não *pode* entendê-las", "nem mesmo *pode* estar" O homem em Adão não tem em si mesmo a capacidade de apreender as realidades espirituais, ou de obedecer a lei de Deus de todo o coração. A inimizade contra Deus, que leva à deserção de Deus, é a lei da sua natureza. Trata-se, por assim dizer, de um instinto dele de suprimir, evitar e negar a verdade de Deus, e de desrespeitar a autoridade de Deus e de escarnecer da lei de Deus – sim, quando ele ouve o evangelho, ele ainda duvida e desobedece. Eis o tipo de pessoa que ele é. Os homens estão, diz Paulo "mortos nos vossos delitos e pecados"[120] – totalmente incapacitados para manifestar qualquer reação positiva à Palavra de Deus, surdo para a fala de Deus, cego para a revelação de Deus, insensível às persuasões de Deus. Se você tentar falar com um corpo morto, não obterá resposta; o homem está morto. Quando a Palavra de Deus é dirigida a pecadores, igualmente não há resposta; pois estão "mortos em seus delitos e pecados."

E isso não é tudo. Paulo também nos diz que Satanás (cujo poder e má vontade ele nunca subestima) está constantemente

[119] Rm *8.7* ss.
[120] Ef **2.1.**

ativo para manter os pecadores no seu estado natural. Satanás "agora atua nos filhos da desobediência"[121] para garantir que eles não obedeçam à lei de Deus. E "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo."[122] De modo que existem dois obstáculos no caminho da evangelização bem sucedido: o primeiro, o impulso natural e irresistível do homem de se opor a Deus; o segundo, a aplicação de Satanás em guiar o homem nos caminhos da incredulidade e da desobediência.

O que isso significa para a evangelização? Significa, simplesmente, que a evangelização, descrito como nós o descrevemos, não tem possibilidade de alcançar sucesso. Por mais clara e convincentemente que possamos ser na apresentação do evangelho, não temos esperanças de convencer ou converter ninguém. Será que você ou eu temos a capacidade de, por meio da nossa conversa honesta, romper o poder de Satanás sobre a vida dos homens? Claro que não! Será que eu ou você temos a capacidade de dar vida àqueles que estão espiritualmente mortos? É claro que não! Podemos, mediante pacientes explicações, ter a esperança de convencer os pecadores sobre a verdade do evangelho? Não. Será que podemos ter a esperança de levar os homens obedecerem ao evangelho por meio de quaisquer palavras de súplica que possamos proferir? Não. Nossa abordagem da evangelização não é totalmente realista até que tenhamos encarado este fato terrível, e deixemos o mesmo exercer o seu devido impacto sobre nós. Quando um professor tenta ensinar aritmética ou gramática às crianças e as considera lentas na aprendizagem, ele se diz a si mesmo que mais dia ou menos dia a ficha terá que cair, assim ele motiva a si mesmo a continuar tentando. A grande maioria de nós é capaz de reunir grendes reservas de paciência, se pensamos que há alguma perspectiva de sucesso final naquilo que estamos tentando. Mas ao caso da evangelização não há nenhuma perspectiva desse

[121] Ef 2.2.
[122] 2Co 4.4.

tipo. Tido como um empreendimento humano, a evangelização é uma tarefa impossível. Ela não pode, em princípio, produzir o efeito desejado. Podemos pregar, e pregar da forma mais clara, fluente e atrativa que quisermos; podemos até falar com as pessoas da forma mais aguda e desafiadora; podemos organizar cultos especiais, distribuir folhetos, pendurar cartazes e encher o país com publicidade – não há a mínima perspectiva de que todos estes dispendiosos esforços levarão uma única alma de volta para Deus. A não ser que haja algum outro fator a influenciar esta situação, além e acima de nosso esforço, toda a ação evangelística está predestinada ao fracasso. Este é o fato, o fato brutal e mais radical, que precisamos encarar.

Aqui, eu suspeito, encontramos o câncer que realmente está enfraquecendo a evangelização nos meios evangélicos de hoje. Todo mundo parece concordar que a nossa evangelização não está em um estado bastante saudável, mas não há um acordo quanto à natureza da enfermidade, ou o que fazer para curá-la. Alguns, como indicamos, parecem pensar que o problema básico encontra-se no reavivamento atual em muitos lugares da fé na soberania da graça divina – uma fé que encontra expressão numa ênfase renovada dada às doutrinas da eleição incondicional e da chamada eficaz. O seu remédio, ao que parece, seria de tentar refutar ou suprimir estas doutrinas, desencorajar as pessoas a levá-las a sério. Entretanto, uma vez que muitos dos maiores evangelistas e missionários dos dias passados sustentavam precisamente estas doutrinas, para dizer o mínimo, não é nada óbvio que este diagnóstico esteja certo, ou o remédio sugerido seja apropriado. Além disso, parece claro que a evangelização foi enfraquecida entre as duas Guerras Mundiais, muito antes de começar a ser dada esta nova ênfase. Como também já sugerimos, outros ainda parecem localizar o problema no tipo de encontros evangelísticos que são comumente organizados, e pensar que se cortarmos fora a diversão e as tornarmos mais sombrias, abolirmos os apelos, salas de aconselhamentos e reuniões posteriores, a nossa evangelização seria

automaticamente revigorado. Mas isso também não é nada óbvio. Eu suspeito que a raiz do problema com a nossa evangelização hoje encontra-se mais fundo do que qualquer um destes diagnósticos pode ir. Suspeito que o verdadeiro responsável por este senso de enfermidade evangelística é a neurose generalizada de desilusão, uma falta de vigor não reconhecida, que adveio de uma falha existente a muito tempo, que tem a ver com o fato de que é de se esperar que a evangelização, tida como empreendimento humano, fracasse. Deixe-me explicar melhor.

Por mais de um século agora, tem sido característico dos cristãos evangélicos (de forma correta ou não – não precisamos discutir isso aqui) considerar a evangelização como uma atividade especializada, que é melhor executada em curtas explosões ("missões" ou "campanhas"), e que requerem uma técnica distintiva para que a sua prática alcance sucesso, tanto para a pregação quanto no tratamento pessoal. Em um primeiro estágio deste período, os evangélicos caíram no tipo de idéia que os fazia presumir que a evangelização teria garantias de sucesso se fosse acompanhada de orações regulares, e se fosse conduzida da forma correta (isto é, se aplicasse aquela técnica distintiva). Isso deveu-se ao fato de que, naqueles primeiros dias, sob a liderança de homens como Moody, Torrey, I-Iaslam e Hay Aitken, as campanhas evangelísticas geralmente eram bem sucedidas – não por serem bem planejadas e conduzidas, (de acordo com os padrões do século vinte, elas frequentemente não seriam assim consideradas), mas porque Deus estava trabalhando nos países britânicos naqueles dias, de uma forma pela qual ele evidentemente não trabalha hoje. Mesmo naquela época, entretanto, já se podia observar que a segunda missão em qualquer lugar raramente seria tão produtiva quanto a primeira, ou a terceira como a segunda. Mas, ao longo dos últimos cinquenta anos, como nosso país se afastou mais e mais das amarras cristãs, a lei dos rendimentos decrescentes se estabeleceu de forma muito mais drástica. As campanhas evangelísticas tomaram-se cada vez menos frutíferas. Este fato nos enfraqueceu.

Por que é que enfraqueceu tanto? Porque não estávamos preparados para isso. Nós chegamos a considerar como garantido que uma boa organização e uma técnica eficiente, apoiada por uma rotina de orações, seriam em si mesmas suficientes para garantir os resultados. Sentíamos que havia um poder quase que mágico nos encontros especiais, nos coros e solistas especiais e no pregador especial. Nos sentíamos convictos de que a coisa que sempre traria vida a uma igreja morta, ou a uma cidade morta, era uma intensa missão evangelística. Com o alto de nossas mentes, muitos de nós continuam pensando ou professam pensar assim. Dizemos uns aos outros que as coisas são assim, e fazemos os nossos planos nesta base. Mas no fundo da nossa mente, lá no fundo do coração, crescemos desencorajados, desiludidos e apreensivos. Em certa época achávamos que uma evangelização bem planejada tinha sucesso garantido, mas agora nos encontramos atemorizados o tempo todo, com medo de que não dará certo, como falhou tantas vezes antes. Ainda por cima, estamos com medo de admitir os nossos medos a nós mesmos, pois não sabemos o que fazer no caso de a nossa evangelização, assim tão bem planejado, falhar. Assim, acabamos reprimindo os nossos medos, toda a nossa desilusão vira uma neurose paralisante e a nossa prática evangelística toma-se uma rotina fatigante e sem entusiasmo. Basicamente, o problema são nossas dúvidas inconfessas quanto ao valor do que estamos fazendo.

Por que é que temos estas dúvidas? Porque fomos desiludidos. Como é que fomos desiludidos? Pelo fracasso repetido das técnicas evangelísticas nas quais nós um dia depositamos tanta confiança. Qual é a cura para a nossa desilusão? Em primeiro lugar, temos que admitir que fomos bobos em jamais ter imaginado que qualquer técnica evangelística, por mais hábil que fosse, poderia por si mesma garantir conversões; em segundo lugar, temos que reconhecer que, devido ao fato de o coração humano ser tão insensível à palavra de Deus, náo deve ser causa de surpresa, se a qualquer tempo a nossa evangelização deixa de resultar em conversões; em terceiro lugar, temos que

lembrar que os termos do nosso chamado são que devemos ser fiéis, e não que devemos ter sucesso; em quarto lugar, temos que aprender a descansar todas as nossas esperanças de frutos na evangelização sobre a graça onipresente de Deus.

Pois Deus faz o que o homem não pode fazer. Deus trabalha por meio do seu Espírito através da sua Palavra nos corações dos homens pecaminosos para trazê-los ao arrependimento e à fé. A fé é um dom de Deus: "Porque vos foi *concedida* a graça de padecerdes por Cristo e... crerdes nele", escreve Paulo aos filipenses.[123] "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé"; ele diz aos efésios, "e isto não vem de vós; é *dom de Deus*";[124] Da mesma forma, o arrependimento é igualmente um dom de Deus. "Deus, porém, com a sua destra", disse Pedro aos membros do Sinédrio, "o exaltou (a Cristo) a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados."[125] Quando a Igreja de Jerusalém ouviu como Pedro foi enviado para evangelizar Cornélio, e como Cornélio chegou a abraçar a fé, eles disseram: "Logo, também aos gentios foi por Deus *concedido* o arrependimento para vida."[126] Nem você, nem eu, podemos fazer os pecadores se arrependerem e crerem em Cristo somente pelas nossas palavras; mas Deus opera no coração dos homens a fé e o arrependimento por meio do seu Santo Espírito.

Paulo chama esta obra de Deus de "chamada". Os teólogos a chamam de "chamada eficaz" como forma de distingui-la dos apelos ineficazes feitos nas pregações evangelísticas a um homem em cujo coração Deus não está trabalhando efetivamente. Trata-se de uma operação por meio da qual Deus leva os pecadores a compreender e responder ao convite do evangelho. Trata-se de uma obra de poder criativo: por meio dela Deus

[123] Fp 1.29.

[124] Ef 2.8. Não importa, se o presente de Deus neste texto é o ato de crer, ou o fato de ser-salvo-pela-fé (os comentaristas não estão em acordo), pois isso não afeta a questão que estamos tratando aqui.

[125] At 5.31.

[126] At 11.18.

dá aos homens novos corações, livrando-os da escravidão do pecado, abolindo a sua incapacidade de conhecer e agir de acordo com a verdade de Deus, conduzindo-os a voltarem-se verdadeiramente para Deus e confiar em Cristo como o seu Salvador. Por meio dela ainda, Deus quebra a influência de Satanás sobre as vidas deles, livrando-os do domínio das trevas e transportando-os para "o reino do Filho do seu amor."[127] Trata-se, portanto, de uma chamada que gera a resposta que ela procura, e confere a bênção para a qual ela convida. Ela é muitas vezes chamada de obra da "graça preveniente", porque ela precede qualquer movimento em direção a Deus no coração do homem pecaminoso. Ela foi descrita (talvez de forma errônea) como uma obra da "graça irresistível", simplesmente porque ela efetivamente tira do trono a disposição de resistir à graça. A Confissão de Westminster a analisa como sendo uma atividade de Deus em e sobre os homens caídos, "iluminando as suas mentes espiritualmente a fim de compreenderem as coisas de Deus para a salvação; tirandc-lhes os seus corações de pedra e dando-lhes um coração de carne; renovando as suas vontades, e determinando-as pela sua onipotênciâ para aquilo que é bom e atraindo-os a Jesus Cristo; mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça."[128]

Cristo mesmo ensinou a cerca da *necessidade* universal desta chamada pela Palavra e pelo Espírito. *"Ninguém* pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer."[129] Ele ensinou ainda acerca da sua *eficácia* universal. *"Todo aquele* que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim."[130] Com isso ele ensinou acerca da *certeza* dela a todos aqueles que Deus escolheu. *"Todo* aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora."[131]

---

[127] Cl 1.13.

[128] *Confissão de Westrninster X*:1; cf. 2Co 4.6; 1Co 2.10 ss; Ez 36.26 ss.; Jo 6.44 ss.; Fp 2.13.

[129] Jo 6.44.

[130] Jo 6.45.

[131] Jo 6.37.

Eles ouvirão de mim e eles serão movidos para confiarem em mim. Eis aí o propósito do Pai e a promessa do Filho.

Paulo fala desta "chamada eficaz" como se fosse trabalho externo do propósito de Deus na eleição. Aos Romanos ele diz: "Porquanto aos que (Deus) de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho... E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou."[132] Aos tessalonicenses, ele escreveu: "... porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para *c* que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso senhor Jesus Cristo."[133] O autor da chamada, o apóstolo nos diz, é Deus; o modo da chamada dá-se por meio do evangelho; e o resultado da chamada representa um direito à glória.

Mas se é isso mesmo que acontece, então podemos ter uma idéia do porque Paulo, que encarava de forma tão realista o fato de que a escravidão do homem caído em relação ao pecado e a Satanás, era capaz de evitar a desilusão e o desencorajamento que sentimos hoje, na medida em que vai ficando cada vez mais claro para nós que, humanamente falando, a evangelização é uma tarefa impossível. A razão é que Paulo mantinha os seus olhos firmemente fixados na soberania de Deus em graça. Ele sabia que Deus já havia, muito antes disso, declarado que "a palavra que sair da minha boca, não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei."[134] Ele já sabia que isso não era menos verdade acerca do evangelho, do que era acerca de qualquer outra expressão divina. Ele sabia, portanto que a sua própria pregação do evangelho não se provaria desprovida de frutos a longo prazo. Deus veria isso. Ele sabia que, para onde quer que a palavra do evan-

[132] **Rm** 8.29 **ss.**
[133] 2Ts 2.13 **ss.**
[134] Is 55.11.

gelho fosse, Deus estaria ressuscitando mortos. Ele sabia que a palavra seria um sabor de vida para alguns dos que a ouvissem. Este conhecimento o tornava confiante, incansável e cheio de expectativas na sua evangelização. Se houvesse ocasionalmente palavras duras com muita oposição e poucos frutos visíveis, ele não entrava em pânico ou perdia o ânimo. Pois ele sabia que se Cristo tinha aberto a porta para que ele tornasse conhecido o evangelho em certo lugar, isto significa que era o propósito de Cristo atrair os pecadores para si mesmo neste lugar. A palavra não retornaria vazia. Sua tarefa, portanto, era ser paciente e fiel no seu ato de espalhar as boas novas até que o tempo da colheita chegasse.

Houve um tempo em Corinto em que as coisas estavam duras; aconteceram algumas conversões, certamente, mas a oposição estava crescendo e mesmo Paulo, o destemido, estava se perguntando se valia a pena de continuar perseverando ali. Então, "teve Paulo durante a noite", conta-nos, "uma visão em que o Senhor (Jesus) lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade."[135] É como se ele estivesse dizendo: continue pregando e ensinando, Paulo, e não deixe que nada te faça parar; há muitos aqui que eu quero trazer de volta para mim por meio do seu testemunho acerca do meu evangelho. "Isto confirma a ênfase de Lucas sobre a escolha preveniente de Deus", comenta Rackham.[136] A ênfase de Lucas reflete a convicção de Paulo baseada na garantia do próprio Cristo em relação a ele. Assim, a soberania de Deus em graça enchia Paulo de esperança de sucesso, quando ele pregava a ouvidos surdos, apresentava a Cristo diante de olhos cegos e buscava tocar corações de pedra. A sua confiança estava em que para onde quer que Cristo envie o seu evangelho, ali Cristo tem o seu povo – que no presente estão firmemente ata-

[135] At 18.9 ss.
[136] *The Acts of the Apotles*, p. 327; cf. At 13.48.

dos pelas amarras do pecado, mas com direito de libertação no momento indicado, por meio da poderosa renovação dos seus corações, quando a luz do evangelho brilhar dentro da sua escuridão, e o Salvador os conduzir de volta para si.

Em um belíssimo hino que ele escreveu pouco depois da sua conversão (possivelmente no dia seguinte), Charles Wesley falou do que aconteceu, nos seguintes termos:

> "Longamente meu espírito aprisionado esteve
> preso no pecado e na noite da natureza;
> teus olhos lançaram um raio vivificador, –
> despertei, a cela brilhou de luz;
> caíram minhas cadeias, meu coração se libertou,
> Levantei-me, e passei a seguir-te"[137]

Isso não é só um relato vivo de uma experiência; é também uma peça da mais excelente teologia. É precisamente isso que acontece com os homens e mulheres não convertidos, sempre que lhes é pregado o evangelho. Paulo sabia disso; daí vinha a sua segurança e otimismo quando evangelizava.

Essa segurança de Paulo deveria ser a nossa também. Não devemos confiar nos nossos métodos de evangelização pessoal ou na administração de cultos evangelísticos, por mais excelentes que nós possamos considerá-los. Não há nenhuma força mágica nos métodos, nein mesmo, nos métodos teologicamente impecáveis. Sempre que nós evangelizamos, a nossa confiança deve estar depositada no Deus que ressuscita os mortos. Ele é o Senhor todo poderoso que transforma os corações dos homens, e ele concederá que eles se convertam no tempo que lhe aprouver. Neste meio tempo, nossa parte é sermos fiéis em tornar conhecido o evangelho, na certeza de que um trabalho como este nunca será em vão. É assim que a verdade da soberania de Deus em graça se aproxima da evangelização.

E que efeitos esta confiança e certeza têm sobre a nossa atitude, quando evangelizamos? Há ao menos três:

---

[137] *Do* Hino *And can it be (Christian* ***Praise,*** *235).*

a) Ela deve nos tornar *ousados.* Deve nos fazer deixar de ficar atemorizados quando descobrimos, como tantas vezes é o caso, que a primeira reação das pessoas ao evangelho é rejeitá-lo, numa atitude apática ou até mesmo de desdém. Uma reação como esta não deveria nos deixar nada surpresos; já era de se esperar da parte de pessoas escravizadas pelos grilhões do pecado e de Satanás. Isso também não deveria nos desencorajar; pois nenhum coração é duro demais para a graça de Deus. Paulo foi um implacável oponente do evangelho, mas Cristo colocou a sua mão sobre Paulo, que foi quebrantado e nasceu de novo. Você mesmo, desde que se tornou um cristão, está cada vez mais consciente do quão corrupto, enganoso e perverso é o seu próprio coração; e antes de se tornar um cristão, o seu coração era bem pior; no entanto, Cristo o salvou, e isso deveria ser suficiente para convencê-lo de que ele pode salvar a qualquer pessoa. Então seja perseverante em apresentar Cristo às pessoas não convertidas, sempre que tiver a chance. Você não está fazendo um esforço inútil. Você não está desperdiçando nem o seu tempo, nem o deles. Não há nenhuma razão para ficar envergonhado da sua mensagem, ou hesitante e defensivo ao transmiti-la. Você tem todas as razões para ser ousado, livre, natural, e esperançoso de sucesso. Pois Deus pode conceder à sua verdade uma eficácia que nem você nem eu podemos conceder. Deus pode fazer a sua verdade triunfar sobre os incrédulos aparentemente mais endurecidos e convertê-los. Nenhum de nós descartará qualquer pessoa, como se fosse um caso perdido e além do alcance de Deus, enquanto crermos na soberania da sua graça.

b) Esta confiança deve nos tornar *pacientes.* Ela deve nos poupar de ficarmos temerosos quando descobrimos que todo o nosso empenho não encontra resposta imediata. Deus salva a seu próprio tempo, e não pense que ele está com tanta pressa quanto nós estamos. Precisamos manter em mente que somos todos filhos da nossa época, e o espírito do nosso tempo é um

espírito de muita pressa. É um espírito pragmático; é um espírito que exige resultados rápidos. O ideal moderno é alcançar mais e mais fazendo cada vez menos. Esta é a era dos aparelhos que economizam trabalho, das estatísticas de eficiência e da automação. A postura que isto tudo acaba gerando é a da impaciência com tudo que leva tempo e exige esforços contínuos. A nossa era tende a ser uma era precipitada; nós detestamos gastar tempo fazendo as coisas direito. Este mesmo espírito tende a contaminar nossa evangelização (sem falar de outros departamentos de nosso Cristianismo), e isso com os mais desastrosos resultados. Caímos em tentação de estarmos com muita pressa para com aqueles que poderíamos ganhar para Cristo, e depois, quando não vemos nenhuma resposta imediata da parte deles, de nos tornarmos impacientes e abatidos, e então perdemos todo o interesse neles, sentindo que é inútil gastar mais tempo com eles; assim abandonamos sumariamente todos nosso esforços, e os passamos a tratar feito desconhecidos. Está tudo absurdamente errado. É uma falta tanto de amor pelo homem quanto de fé em Deus.

A verdade é que o trabalho evangelístico exige mais paciência e pura capacidade de "pegar no pé", maiores reservas de amor e cuidado perseverante, do que a maioria de nós, cristãos do século vinte, temos à nossa disposição. Trata-se de um trabalho que não promete resultados rápidos, e essa falta de apresentação de resultados rápidos; não é sinal de fracasso; mas é um trabalho no qual não podemos ter esperança alguma de sucesso, a não ser que estejamos dispostos a perseverar junto às pessoas. A idéia de que um só sermão evangelístico, ou uma única conversa séria, deve ser suficiente para a convecsão de qualquer um, que jamais se tornaria um convertido, é realmente simplória. Todas as pessoas que você possa ter visto chegarem à fé através de um único sermão ou conversa, normalmente você descobrirá que seu coração já estava bem preparado por uma boa dose de ensinamentos cristãos e exercício de espírito, bem antes de você o ter encontrado. A lei que opera em casos como

este é "Um é o semeador, e outro é o ceifeiro."[138] Se, por outro lado você encontra uma pessoa que não foi assim preparada, uma pessoa que, até agora, não está totalmente convicta da verdade do evangelho e que talvez não faça idéia, ou tenha uma falsa idéia, do que o evangelho de fato é, é mais do que inútil de fazer qualquer investida, pressionando-a para uma "decisão" rápida. Você seria capaz até de ameaçá-la de uma crise psicológica de algum tipo, mas isto certamente não será uma fé salvadora, e não lhe fará nada bem. O que você tem que fazer é dedicar tempo a ela, fazer amizade com ela, colocar-se ao lado dela, descobrir em que estágio ela se encontra em termos de discernimento espiritual, e de começar a tratá-la a partir deste ponto. Você deve explicar o evangelho à pessoa, e estar certo de que ela o entende e está convencida de sua verdade, antes que você possa pressioná-la a dar qualquer resposta ativa. Você deve estar pronto para, se for necessário, ajudá-la durante o período em que ela busca arrepender-se e crer, antes que ela saiba dentro de si mesma que recebeu a Cristo, e de que Cristo a recebeu. Em todos os estágios você terá que estar disposto a caminhar ao lado da pessoa no ritmo de Deus, por mais que possa lhe parecer um ritmo incrivelmente lento. Mas isso é problema de Deus, e não seu. Sua tarefa é simplesmente manter o passo com o que Deus está fazendo na vida dela. A sua disposição de ser assim tão paciente com ela é a maior prova do seu amor por ela, e muito mais ainda da sua fé em Deus. Se você não estiver disposto a ser assim tão paciente, não espere que Deus lhe seja favorável, capacitando-o para conquistar almas.

Mas de onde será que vem toda esta paciência tão indispensável para o trabalho evangelístico? Provém do fato de que Deus é soberano em graça, e que a sua palavra não volta para ele vazia; que é ele quem nos dá oportunidades como as que temos para compartilhar nosso conhecimento de Cristo com outros, e que ele é capaz, em seu próprio e perfeito tempo, de

[138] Jo 4.37.

iluminá-los e conduzi-los à fé. Deus muitas vezes exercita a nossa paciência neste, como em outros assuntos. Da mesma forma que ele deixou Abraão esperando vinte e cinco anos pelo nascimento do seu filho, assim ele muitas vezes deixa os cristãos esperando por coisas que desejam ver acontecer, como por exemplo, a conversão dos seus amigos. É paciência, portanto, que precisamos ter, se quisermos fazer a nossa parte em ajudar os outros a chegar à fé. E o caminho para que nós desenvolvamos esta paciência é aprendermos a viver de acordo com o nosso conhecimento da livre graça soberana de Deus.

c) Finalmente, esta confiança deve nos tornar *homens e mulheres de oração.*

A oração como dissemos no começo, é uma confissão de impotência e necessidade, um reconhecimento de falta de recursos próprios e dependência, e uma invocação do poder soberano de Deus para que ele faça por nós o que nós mesmos não temos capacidade de fazer. Na evangelização, como dissemos, somos impotentes; dependemos inteiramente de Deus para tornar o nosso testemunho eficaz. É exclusivamente graças ao fato dele ser capaz de dar aos homens novos corações, que podemos ter esperança de que os pecadores nascerão de novo por meio da nossa pregação do evangelho. Isso nos deve levar à oração. Deus pretende, através desta e de outras coisas, nos fazer reconhecer e confessar nossa impotência, e lhe dizer que nós, de fato e de verdade, depositamos toda nossa confiança exclusivamente nele, e que lutaremos com ele para a glorificação do seu nome. O fato de ele frequentemente reter as suas bênçãos, enquanto o seu povo não tiver começado a orar faz parte do seu estilo. "Nada tendes, porque não pedis."[139] "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á."[140] Mas se nós dois somos soberbos ou preguiçosos demais para pedir, não devemos esperar obter resposta.

[139] Tg **4.2.**
[140] Mt **7.7** ss.

Esta é uma regra universal, que vale tanto para a evangelização como para qualquer outra coisa. Deus quer nos fazer orar antes de abençoar os nossos labores, a fim de que possamos aprender constantemente de novo que em tudo dependemos de Deus. Depois disso, quando Deus nos conceder a bênção de ver conversões, não seremos tentados a atribuí-las aos nossos próprios dons, ou habilidade, ou sabedoria, ou capacidade persuasiva, mas exclusivamente ao seu trabalho, e assim também saberemos muito bem a quem devemos agradecer por elas.

Portanto, o conhecimento de que Deus é soberano em graça, e que somos impotentes para ganhar almas, deve nos levar a orar, e manter-nos em oração. Qual será o peso atribuído às nossas orações? Temos que orar por todos aqueles que buscamos conquistar, para que o Espírito Santo abra os seus corações; e devemos orar por nós mesmos em nosso próprio testemunho; e por todos aqueles que pregam o evangelho, para que o poder e a autoridade do Espírito Santo repouse sobre eles. "Orai por nós", escreve Paulo aos tessalonicenses, "para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada."[141] Paulo foi um grande evangelista que colheu muitos frutos, mas Paulo tinha certeza de que cada parcela disso procedia de Deus, e que, a menos que Deus continuasse trabalhando tanto nele mesmo, quanto naqueles a quem ele pregava, ele nunca converteria nenhuma alma. Assim ele suplica por oração, para que a sua evangelização continuasse provando ser frutífero. Orai, ele suplicava, para que a palavra do evangelho possa ser glorificada pela minha pregação a respeito dela, e pelo seu efeito nas vidas humanas. Orai para que ela possa continuamente ser usada para a conversão de pecadores. Este era para Paulo um pedido urgente, simplesmente porque Paulo via tão claramente que a sua pregação não é capaz de salvar ninguém, a não ser que Deus, na sua soberana misericórdia, tenha o prazer de abençoá-la e usá-la para este fim. Veja bem, Paulo não estava afirmando que, porque Deus é soberano na salvação dos peca-

[141] 2Ts 3.1.

dores, isso tornaria desnecessária a oração, nem está afirmando que, porque Deus é soberano na salvação de pecadores, a pregação evangelística é desnecessária. Pelo contrário, ele estava afirmando que, precisamente pelo fato de que a salvação depende inteiramente de Deus, é que a oração, para que a pregação seja frutífera, se torna ainda mais necessária. Todos aqueles que crêem fortemente hoje, junto com Paulo, que é a agência soberana de Deus, e exclusivamente ela, que leva os pecadores até a Cristo, deveriam dar testemunho da sua fé, por se mostrarem mais constantes, fiéis, honestos e persistentes na oração, para que a bênção de Deus possa repousar sobre a pregação da sua palavra, e que sob ela os pecadores possam ser regenerados. Esta é a relação final entre a crença na soberania de Deus em graça e a evangelização.

Dissemos anteriormente, neste capítulo, que esta doutrina de modo algum reduz ou limita as condições da nossa comissão evangelística. Agora nós já podemos nos dar conta de que, longe de retraí-las, na verdade, as expande. Pois nos faz encarar o fato de que há dois lados da comissão para a evangelização. Trata-se de uma comissão não somente para pregarmos, mas também para orarmos; não somente para falarmos aos homens sobre Deus, mas também para falarmos com Deus sobre os homens. Pregação e oração devem andar juntas; nossa evangelização não estará de acordo com o conhecimento, neni será abençoado, enquanto elas não andarem juntas. Nós devemos pregar, porque ninguém há de se salvar sem o conhecimento do evangelho. Devemos orar, porque somente o Espírito Santo soberano em nós e no coração dos homens pode tornar a nossa pregação eficaz para a salvação dos homens, e Deus não enviará o seu Espírito para onde não haja oração. Os evangélicos estão atualmente muito mais preocupados com a renovação dos seus métodos de pregação evangelística, e isso é bom. Mas isso não redundará em evangelização com frutos. A menos que Deus também renove a nossa oração e derrame em nós

um novo espírito de interseção pela obra evangelística. O único caminho que vemos pela frente para a evangelização é o de nos deixarmos instruir novamente a testemunhar do nosso Senhor e do seu evangelho, em público ou particular, na pregação e na evangelização pessoal, com toda audácia, paciência, poder, autoridade e amor; e que, com isso, nos deixemos instruir ainda a, com toda humildade e persistência, orar pela bênção de Deus sobre o nosso testemunho. É tão simples – e tão difícil – assim. Depois que tenha sido dito tudo o que tiver de ser dito sobre a renovação dos métodos evangelísticos, ainda continuaremos diante do fato de que não há outro caminho à nossa frente, exceto este, e se nós não enveredarmos por este caminho, é melhor não avançarmos mais.

Com isso o círculo de nosso raciocínio se completa. Começamos apelando para a nossa prática de oração como prova da nossa fé na soberania divina. Encerramos apelando para a nossa fé na soberania divina como um bom motivo para a prática da oração.

O que devemos então dizer agora quanto àquela sugestão de que uma fé sincera na soberania absoluta de Deus é desfavorável à evangelização? Somos forçados a dizer que todo aquele que levanta esta hipótese está mostrando com isso que ele simplesmente não entendeu o verdadeiro significado da doutrina da soberania divina. Ela não só dá sustentação e apoio à evangelização, alimentando esperanças de sucesso, que não poderiam ser oferecidas de nenhuma outra maneira; ela também nos ensina a manter juntas a pregação e a oração; e da mesma forma como ela nos torna ousados e confiantes diante dos homens, ela também nos torna humildes e persistentes diante de Deus. E não é assim mesmo que as coisas devem ser? Nós não queremos com isso dizer que as pessoas não devem evangelizar sem estar de acordo com esta doutrina; mas nos aventuramos a pensar que, sendo outras coisas iguais, elas serão capazes de evangelizar melhor, se crerem nela.

Se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar?

Com nossa preferência pelos extremos, tendemos a negar a Soberania de Deus ou a necessidade da evangelização. Fazemos da evangelização uma empreitada humana do começo ao fim, ou não a fazemos de modo algum. Depositamos a nossa confiança em técnicas que praticamente dispensam a ação divina ou deixamos tudo nas mãos de Deus, inclusive as tarefas que ele expressamente nos atribuiu.

Packer demonstra neste estudo clássico como são falsas essas duas posições. Com cuidadosa análise bíblica ele ensina que uma compreensão correta da Soberania de Deus não se constitui barreira para a evangelização mas um incentivo e apoio para ela.

J.I. Packer, autor de *Nunca Perca a Esperança, A Redescoberta da Santidade, Religião Vida Mansa, Teologia Concisa* e de artigos e notas para a *Bíblia de Estudos de Genebra* (Editora Cultura Cristã) e outros, é um dos mais notáveis mestres da Bíblia de nosso tempo, respeitado pela sua fidelidade e clareza na exposição da Escritura.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, **3821394** – Cambuci
01**540-040** – São Pauto – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – **01599-970**
Fone (0**11) **3207-7099** – **Fax** (0**11) 3209-1255
ww.oep.org **br** – cep@cep org br
0800-141963